

180
6

MUNDO GRÁFICO



A mulher moderna
encontrou
na ginástica
a suprema expressão
da graça
e da beleza

OS VELHOS AMIGOS
SÃO OS MELHORES



A Portugal — o mais antigo aliado da Grã-Bretanha — a Grã-Bretanha oferece os meios de transporte mais modernos. É natural que a Grã-Bretanha continue a manter os serviços para Portugal e vice-versa durante esta guerra — a maior da história — estreitando dest'arte os laços que sempre uniram estas duas nações. A viagem de Lisboa a Londres leva somente poucas horas. Transportam-se passageiros malas e frete. Viagem de avião — é rápido, confortável e conveniente — e reflete a importância de V. S. e do seu negócio

A passagem simples é de 2.750 escudos. Demais informações do representante da BRITISH OVERSEAS AIRWAYS, a/c James Rawes & Co., Rua Bernardino Costa 47, Lisboa; E. Pinto Basto & Cia. Ltda., Avenida 24 de Julho 1, Lisboa e todas as agências de viagens importantes

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS



SUMÁRIO

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador».

ANTHONY EDEN, biografia.

A ARMADA SILENCIOSA, por Taffrail-
UMA FAMÍLIA INGLÊSA, pelo dr. Vito-
rino Nemésio.

O AVIÃO CONTRA O COURAÇADO, por
Maurício de Oliveira.

OS GENERAIS WAVELL E WILSON,
CHEFES DAS FORÇAS INGLÊSAS DO
PRÓXIMO ORIENTE.

VENDEDORES DE ILUSÕES, por João de
Ourém.

A OFENSIVA INGLÊSA NA LÍBIA, pá-
gina gráfica.

A CHEGADA DO NOVO EMBAIXADOR
DE INGLATERRA, página gráfica.

COMO ÊLES SÃO..., por W. Gilbert.

DUPLA PÁGINA COM FOTOGRAFIAS
INÉDITAS DA GUERRA.

COMO SERÁ O ANO DE 1941?

CIDADE EM FLOR, por Fernando Calixto.

FISIONOMIA DUMA RUA.

COMO A INGLATERRA FORJA AS SUAS
ARMAS, página gráfica.

SINFONIA DA NEVE, por César dos San-
tos.

FIGURAS E FACTOS.

A INTRODUÇÃO DO FUTEBOL EM POR-
TUGAL, por Fernandes de Oliveira.

ANO NOVO, página gráfica.

CINEMA.

PÁGINA FEMININA, por Aurora Jardim.

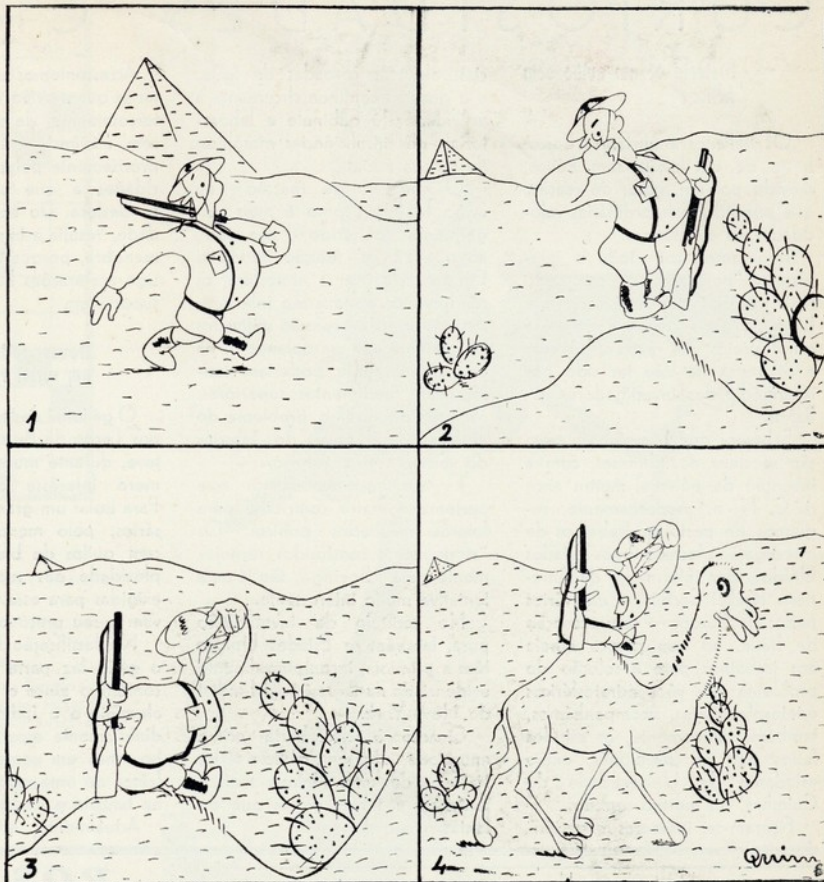
JUÍZO DO ANO, crónica alegre de Mar-
çal Saldanha.

UMA NOITE NA SELVA, novela de Cas-
tro Soromenho.

CARICATURA DE QUIM.

CAPA de J. Lobo

OBSERVADOR DISTRAÍDO



« SACOR »

SOCIEDADE ANÓNIMA CONCES-
SIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE
PETRÓLEOS EM PORTUGAL

S. A. R. L.

Capital: 15.000.000 de escudos

REFINARIA LISBOA

(CASAL DAS ROLAS — CABO RUIVO)

SÉDE:

LISBOA — Rua do Alecrim, 57

Telegramas, SACOR-LISBOA

Telef. 2 8035 a 2 8039

VINHOS DO PÔRTO COCKBURN



(Tipo Vintage)

COCKBURN SMITHES & CO. LTD.

VILA NOVA DE GAIA

Para mais esclarecimentos sôbre outros
tipos de vinhos dirigir-se aos agentes:

Matos, Melo & C.^a L.^{da} Rua do Breiner, 64, Telefone 707

PORTO

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

História de um avião sem hélice

Os italianos anunciam a descoberta de um avião sem hélice, movido por um motor de reacção, que permitirá extraordinárias velocidades na estratosfera.

Registamos, com todo o interesse, a "novidade". E, com tanto mais interesse quanto é certo que há muitos anos conhecemos o avião estratosférico de reacção, só com a diferença de não ter sido por intermédio dos investigadores italianos.

Sabemos que o motor de reacção se deve aos chineses, com a invenção da pólvora, muitos anos A. C. N. e, modernamente, seguimos de perto os trabalhos de investigação efectuados nos Estados Unidos, por intermédio da American Rocket Society, e em vários países da Europa — com excepção da Itália, ao que parece alheia aos trabalhos para a solução do problema dos vôos estratosféricos e interplanetários. Acompanhámos, também, intimamente, os estudos feitos por um português, então estudante da Universidade de Coimbra, no mesmo sentido.

Fizeram-se inúmeras experiên-

cias, algumas coroadas de êxito, e a questão continua circunscrita à actividade de gabinete e laboratorial, por insuficiências mecânicas da técnica actual.

O aparelho de reacção — ou avião foguete, como é mais vulgarmente conhecido — não tem, ao que parece, solução imediata. Em contacto com a atmosfera, os rendimentos obtidos são inferiores aos motores de explosão utilizados actualmente nos aeroplanos e, na estratosfera, onde poderiam conseguir-se rendimentos superiores, continua insolúvel o problema do isolamento absoluto do interior do veículo com o exterior.

E' aos norte-americanos que pertence o maior contributo para futuros resultados práticos. Os "stratoliner", construídos recentemente pela "Boeing", são já uma tentativa muito interessante.

No capítulo da investigação pura, também os Estados Unidos têm a primazia, incontestavelmente evidenciada na Exposição Mundial de Nova York.

Quanto à descoberta acima anunciada, julgamos, muito a sério, tratar-se de uma fantasia mais a juntar-se a tantas outras que de fantasias não passaram.

Acrescentemos aos nossos comentários que o avião de reacção tem, forçosamente, de ser um aparelho sem eficiência militar aeronáutica, precisamente pelas enormes velocidades a que obrigatoriamente se desloca. Do excesso de velocidade, resulta a impossibilidade de manobra, porque esta arrasta consigo acelerações humanamente insuportáveis.

Novas aplicações do gálio, um metal raro

O gálio foi descoberto em 1875, por Lecoq de Boisbaudrain, e não teve, durante muito tempo, senão mero interesse de curiosidade. Para isolar um grama, eram necessários, pelo menos, cinquenta a cem quilos de blenda, e a complexidade das reacções químicas exigidas para essa operação tornavam o seu preço proibitivo.

Na classificação de Mendeleeff, o gálio faz parte do grupo que contém o zinco e o germânio, o alumínio e o índio. Está extraordinariamente espalhado pelo globo, mas em concentração ínfima (cerca de uma centésima milésima na bauxite e na blenda).

Actualmente, este metal pode

substituir o mercúrio na aparelhagem eléctrica, particularmente nos inversores de vapor de mercúrio e, sobretudo, nas lâmpadas de raios ultra-violetas, cujo cátodo pode ser construído numa liga fusível e facilmente vaporizável de alumínio e gálio, e até, em caso de necessidade, com ligeiras adições de mercúrio, cádmio e bismuto. Na luz irradiada dessas lâmpadas, as radiações ultra-violetas e azuis são completadas pelas amarelas e vermelhas, que permitem encarar o emprego para iluminação, substituindo o quartzo permeável nos raios ultra-violetas pelo vidro ordinário.

E' ainda como concorrente do mercúrio que o gálio se apresenta para a confecção de ligas especiais para obturações dentárias. Sabe-se que todos os corpos, mesmo os sólidos, possuem certa tensão de vapor, por muito pequena que seja. Ora, os vapores de mercúrio são nocivos e as pessoas que utilizam as suas amálgamas sentem-lhes os efeitos.

Assinalemos, ainda, que o gálio, como o germânio, pode desempenhar um importante papel de catalizador para favorecer o crescimento de culturas vegetais.

Ó L E O S L U B R I F I C A N T E S

SHELL

PARA INDÚSTRIA E AUTOMÓVEIS

ROSA DOS VENTOS

UM ARTISTA

O professor Abel Salazar expôs, mais uma vez, em Lisboa. A crítica já disse de sua justiça. E, o público estudioso, o raro intelectual por conquista — que não por snobismo — também já conhece a inconfundível personalidade do professor Salazar. Homem de ciência no mais puro sentido do termo — dos que não se atrasaram cinquenta anos na caminhada contínua e eterna do Conhecimento — filólogo de incontestável envergadura, crítico de arte de apurado poder analítico, escritor brilhante e artista de raro merecimento — o artista cujo génio esteve ali bem evidenciado na rua Barata Salgueiro, conquanto isso pese a muitos habilidosos e a muitos insuficientes — eis o conjunto estranhamente harmónico e complexo da sua característica fisionomia de intelectual — cem por cento.

No segundo dia de exposição quasi todos os seus trabalhos estavam vendidos. Um catálogo para todos — Arte para todos.

Haverá, com certeza, quem proteste... Pudera!...

A TALUDA

Girou a esfera da sorte. E, o número da «grande» — sempre aquele em que os outros jogaram — apresentou-se irónico, elegantemente enfarpelado em seis mil notas de conto. Indiferente à ansiedade de uns

tantos milhares de sonhadores, ei-lo que passa, autómato «dandy», movido pelo dedo mágico do Destino. E vai deixando, aqui e além, as principescas vestes. Agora, é a nudez completa — a trágica condição da imaterialidade matemática.

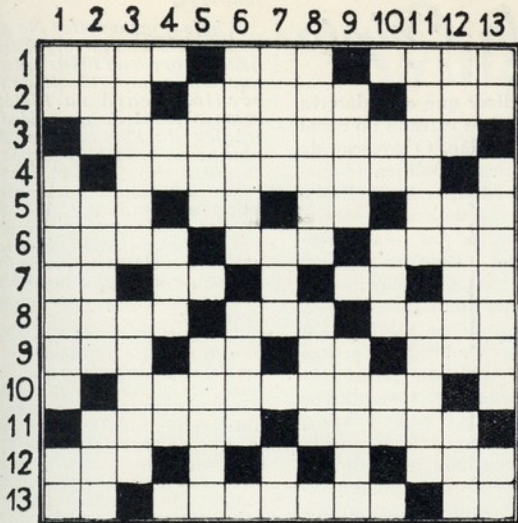
Bem poucos o recordam já. Mas esses, a quem o vagabundo milionário das doiradas vestes estendeu a esbanjadora mão dum fortuna efémera, não poderão esquecê-lo.

Os outros alimentam mais um ano as suas ilusões.

AS GRANDES FIGURAS DA HUMANIDADE

Tal é o título da obra que as Edições Universo vão publicar em fascículos. Dirigida pelo Dr. Lopes de Oliveira, escritor ilustre e investigador infatigável, reúne um conjunto de colaboradores, cujos nomes, dos mais categorizados nas ciências, nas artes e nas letras, muito contribuirão para o êxito do interessante trabalho histórico. E' sempre mais sugestivo o estudo da história através da biografia. A fisionomia de uma época está sempre bem vincada na psicologia dos homens que a viveram, particularmente dos homens que, pelo espirito, lhe deram características especiais.

Está distribuído o fascículo especime que aquela editorial fornece gratuitamente a quem lho solicitar.



PROBLEMA N.º 6

HORIZONTAIS

- 1 — Pron. pessoal; do ar; resultado duma acção ou trabalho.
- 2 — Numeral cardinal; inflama-se; gracejar.
- 3 — Ocasionalmente.
- 4 — Preto.
- 5 — Goste; suspiro; polvilho; constelação austral.
- 6 — Nivele; pegadeira; dar mios.
- 7 — Título devido a quem recebe os últimos graus de uma faculdade universitária (abrev.); descoberto; sedimento; ali.
- 8 — Planta de fibras textéis; caritativa; gastam.
- 9 — Possuir; aqui; 150; ocasião.
- 10 — Primeiro ministro da Gran-Bretanha.
- 11 — Toara; anima.
- 12 — Sem companhia (pl.); prenda.
- 13 — Caminhar; actual embaixador da Gran-Bretanha nos Estados Unidos; artigo (pl.).

VERTICAIS

- 1 — Prepos. relativa a tempo; inflamação do coração; nota musical.
- 2 — Liga; Deus da guerra; Senhor.
- 3 — Renegados; cavalos corpulentos.

- 4 — Prepos. e art.; interjeição; existe.
- 5 — Especialidade militar; a côrte do papa.
- 6 — Aparelha; estaca.
- 7 — O ministro dos Estrangeiros inglês que agora substituiu Halifax; brota; prefixo relativo a dois.
- 8 — Recobre; encontra.
- 9 — Feiticeiro; defende.
- 10 — Olha; pron. possessivo; proferi.
- 11 — Gritai; descarga de artilharia.
- 12 — Viscera; amofinas; prendo.
- 13 — Fluído; quedamos; pertencem.



Solução do Problema n.º 5



O cupido, do Picadilly Circus, a mais famosa estátua de Londres. Eros, o deus do amor, é o símbolo eterno da vida, na sua suprema exaltação de beleza. Sobre todas as ruínas, desilusões e ansiedades, êle domina e triunfa num cântico de esperança

PREFIRA



**PORTO
SANDEMAN**

MUNDO GRAFICO

Revista de actualidades nacionais e internacionais

ASSINATURAS

12 números 18\$00
24 números 36\$00

Pedidos à Administração :

Rua de S. Nicolau, 119-3.º Telef. 25240 LISBOA

Distribuidores : **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75



ANTHONY EDEN

ESTE homem, se fôsse latino, seria uma contradição consigo mesmo. Não é possível admitir-se harmonia entre as preocupações mundanas, com requintes de irrepreensível elegância, e as dos transcendentais problemas do espírito. O homem superior, qualquer que seja o caminho da actividade intelectual por onde os seus passos o dirigem, deve ser, por natureza, o despreocupado de si próprio. As questões cuja solução a pátria ou a humanidade lhe exige, devem absorvê-lo de maneira absoluta, fanáticamente. Não concebemos o artista que não seja desleixado, o homem de ciência que não seja distraído, o chefe militar que não seja rude e brutal.

Para o inglês, não é assim. A sua superioridade, quando a conquista, não existe apenas na personalidade que lhe conhecemos através da sua obra, mas na que colhemos directamente de si próprio.

Porque não há-de ser o artista como o comum do seu semelhante que não descuida o nó da gravata, o homem de ciência sem atitudes ridículas de distração espontânea ou forçada e o chefe militar um «gentleman» que sabe trocar o «kepi» pelo chapéu alto?

A tradicional elegância britânica que Anthony Eden simboliza, com o seu «frack» de corte impecável, o chapéu alto cinzento e o binóculo a tiracolo, no «Derby», não elimina a sua vincada personalidade de estadista.

Nasceu em 1897. Tem, portanto, apenas quarenta e três anos — o mais jovem ministro da Gran-Bretanha. Segundo filho de Sir William Eden, é casado com uma filha de Sir Gervase Bukett, banqueiro e co-proprietário do «Yorkshire Post». Em Setembro de 1915 — tinha, então, vinte e dois anos — partiu para França, onde atingiu o posto de capitão e conquistou, por feitos em campanha, a «Military Cross». Desmobilizado, regressou a Inglaterra e ingressou na carreira política, filiando-se no Partido Conservador. Em 1923 foi, pela primeira vez, eleito deputado por Leamington. Secretário parlamentar dos ministros dos Estrangeiros Austin Chamberlain e John Simon, de 1925 a 1931, era, três anos depois, Lord do Selo Privado e, em 1935, ministro para os assuntos da Sociedade das Nações. Foi um ano mais tarde que o seu nome ressoou em toda a Europa, como ministro dos Estrangeiros. Partidário entusiástico da segurança colectiva e da Liga de Ginebra, desempenhou um papel de extraordinário relevo durante o conflito italo-abexim como principal animador das sanções contra a Itália. Eis o homem que acaba de reassumir a pasta dos negócios estrangeiros, onde há três anos a sua acção foi tão decidida e brilhante.

A conquista do Egipto

Jacques Bainville costumava dizer que a Inglaterra se não cansa de manter uma vigilância estreita no canal de Suez, no vale do Nilo e no Sudão. O governo de Londres nunca consentiu em sacrificar à política de apaziguamento as suas posições no Mediterrâneo. Era o indício seguro de que, na hipótese de uma nova conflagração mundial, asseguraria a guarda das rotas orientais e a entrada do mar Vermelho. Como foi possível que, Roma e Berlim, alimentassem ilusões a êsse respeito?

Desde que Churchill, em seguida ao colapso francês, anunciou que a Gran-Bretanha continuaria a luta até à decisão final, o seu esforço inicial devia dirigir-se contra o adversário mais fraco, a Itália. O episódio grego veio favorecer os seus desígnios. No começo de Novembro os italianos tinham mobilizado três corpos expedicionários, na Etiópia, na Líbia e na Albânia, o primeiro isolado desde o início das hostilidades, o segundo reduzido aos recursos próprios e o terceiro sujeito às contingências dum sistema de comunicações precário. O destino dos soldados da Itália andava estreitamente ligado à iniciativa da sua esquadra. Sabe-se o que isto significa, depois do ataque a Tarento e da demissão do almirante Cavagnari.

A batalha do Egipto era um ersatz da batalha da Inglaterra. O plano transparente das potências do eixo consistia em atingir, simultaneamente, o vale do Nilo: um ataque do ocidente, realizado pelos italianos saídos da Líbia e um ataque do oriente, conduzido pelos alemães que deviam descer da Turquia sobre a Síria e a Palestina. E o vale do Nilo é protegido por dois desertos, o Marmárica, a oeste, e o El Tih a leste. A sua conquista exige tropas especializadas na guerra colonial e demanda enormes sacrifícios. Compreende-se toda a dificuldade de empreza se, além dos obstáculos naturais, se entrar em linha de conta com a proverbial tenacidade dos ingleses. Na sua memória sobre os destinos imperiais, Lord Cromer acentuou que, sendo a Índia o centro da comunidade britânica, a política invariável da Inglaterra se deve basear na protecção do Suez. Para assegurar essa protecção é indispensável a posse das duas margens do canal.

A demora que o Reich pôs em resolver os problemas intrincados dos Balcans, a resistência turca a qualquer tentativa de agressão e a ambiguidade dos soviets retardaram a participação alemã no plano de conjunto. Graziani conservou-se três meses em Sidi-el-Barani. A Inglaterra, entretanto, tapou a brecha aberta pelo desmoronamento do exército francês da Síria. Na primeira semana de Dezembro desencadeou o ataque que desmoronou os projectos italo-alemães.

A batalha do Egipto transformou-se na batalha da Líbia, como a batalha da Grécia se transformou na batalha da Albânia. Da defensiva, a Gran-Bretanha passou à ofensiva com um ímpeto que há seis meses se considerava impossível. A esquadra de Alexandria domina as paragens do Mediterrâneo entre o Suez e Trípoli. A facilidade dos seus movimentos e a virtuosidade dos pilotos da R.A.F. tiveram um papel preponderante na marcha das operações. O general Liman von Sanders, leitor honesto e consciencioso das prosas de Alexandre e Napoleão, advertiu há um quarto de século o seu governo de que qualquer tentativa de conquista do Egipto, com os modernos processos de guerra, estava votada a um malogro. Mas quem se recorda dos exemplos clássicos e dos técnicos que os ressuscitam?

O Observador

1940-1941

É hoje à meia noite! Na ampulheta do Tempo cai o último grão de areia de 1940. Um ano que tem a importância de um século. Ficará na História como o final de uma década trágica da humanidade. Nenhum dos seus horoscopos se cumpriu. Não veio a paz — e como podia ela vir a não ser alicerçada na integridade das nações que a guerra submergiu, na consciência da alma religiosa, ulcerada profundamente na sua fé, e no direito dos povos determinarem o seu destino?

Continua a guerra, que neste novo ano, tudo o indica, se intensificará em passos que, embora não sejam definitivos, podem, no entanto, revesti-la de uma importância transcendente. É o ano crucial do conflito, aquele em que o destino inclinará um dos pratos da balança, não colocando-lhe brutalmente em cima a espada de César, mas o péso de ouro da Justiça, que é irredutível.

1941! Nos nossos lares poupados aos horrores da guerra, apesar de tremular uma luz de alegria, ninguém esquece os que vertem o sangue por um ideal generoso, redimindo a humanidade dos seus erros e das suas ambições!

Um discurso



O último discurso de Churchill teve a grandeza dum a oração do velho arcêpago de Atenas. Frio, raciocinado, mordente,

soma de factos com o mínimo de comentários, êle esclareceu decisivamente, alguns dos aspectos mais misteriosos desta luta. A Inglaterra não quiz a guerra, e uma vez ela declarada fez tudo para a restringir. Com nobre imparcialidade, Churchill apresentou dois documentos de considerável importância que, definindo atitudes, justificam inteiramente o seu discurso.

Não se pode ser mais digno nem mais oportuno.

Contra a Morte

A guerra não é constituída apenas por tragédias e sofrimentos. O inglês tem o respeito da morte. Mas não a teme. Delicadamente evita a sua exibição. Percorremos as suas revistas ilustradas, atulhadas de carcaças de aviões e de ruínas. Não há um cadáver, uma mancha de sangue, um rictus cruel e desesperado. Dir-se-ia que a guerra é para êles um mero sport.

O mais curioso é que os ingleses não deixam de se divertir. Há tempos, estreou-se em Londres uma comédia com êste título sugestivo: «The house in basement» (A casa da cave). Foi um êxito.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

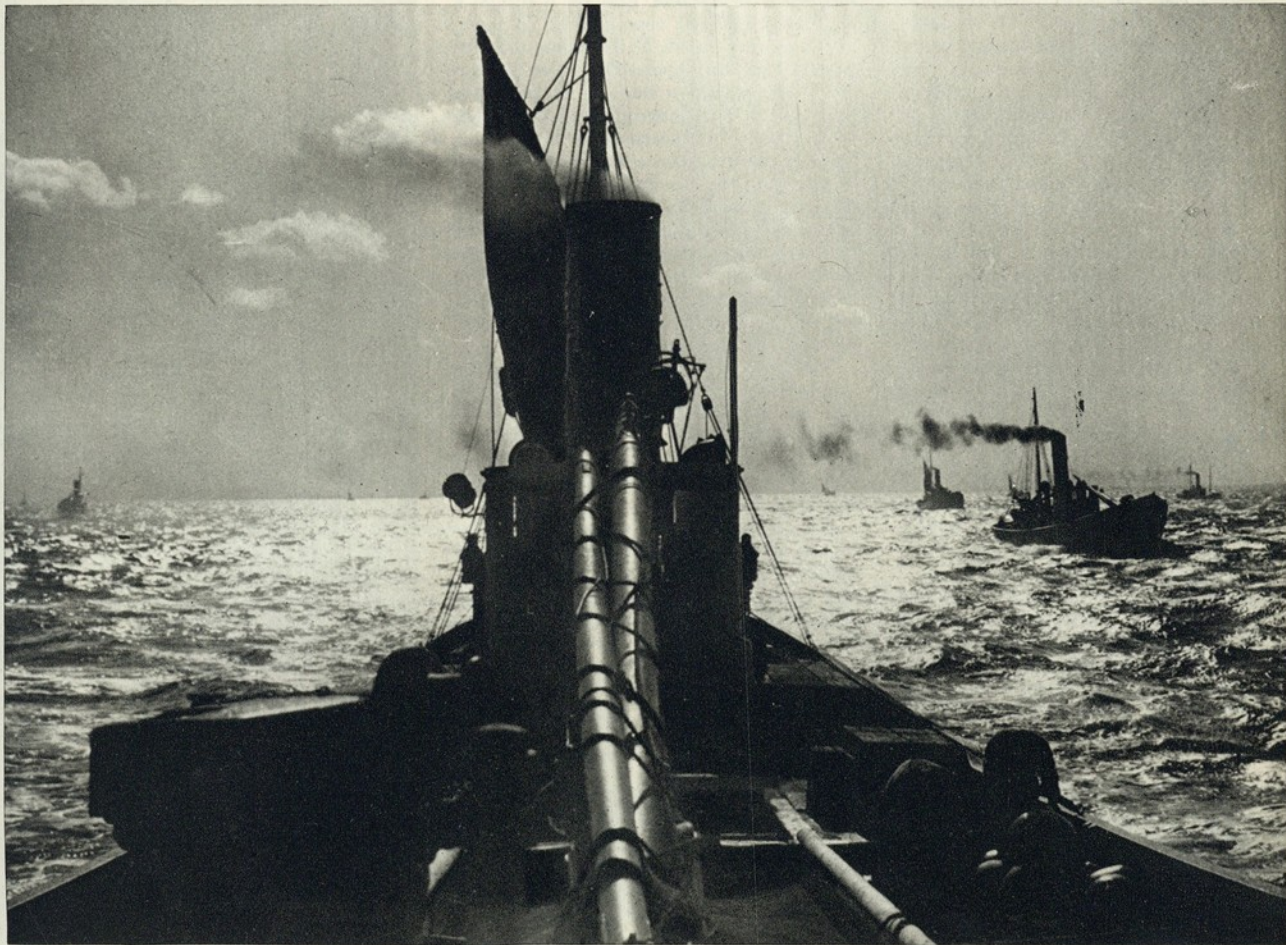
Propriedade de «Mundo Gráfico», L^{da}

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6
COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



MAIS DE CEM MIL PESCADORES ARRISCAM TODOS OS DIAS A VIDA NA ROCEGAGEM DAS MINAS ALEMÃS

A ARMADA SILENCIOSA

A tradição dos marinheiros da Rainha Isabel, que se defrontaram com a Invencível Armada, conquista novas glórias nesta guerra

PROAS cortantes como lâminas de espadas, lá vão à sua faina. Ontem como hoje, um adeus, um acenar de lenço branco agitado por mãos nervosas, uma lágrima, uma prece.

Homens da paz ao serviço da guerra! Ei-los que partem confiantes a ganhar o pão dos seus. Não temem o mar, nem a tempestade e, agora, também não temem a guerra — a guerra dos homens, mais brutal ainda, mais feroz, que a dos elementos revoltos. E' um rosário de sofrimentos e perigos essa cadeia interminável de barquitos frágeis, baluçando-se sobre as vagas alterosas, em torno de todo o solo britânico.

Dos 6.722 vapores e navios-motores de tonelagem superior a uma centena, regis-

tados no comêço dêste ano sob a bandeira inglesa, 4.247 têm menos de duas mil toneladas. Muitos dêles são barcos costeiros ou dos que se utilizavam, em tempo de paz, nas viagens mais curtas entre as ilhas britânicas e o continente.

Os portos principais da Gran-Bretanha dedicam-se, essencialmente, à importação e exportação de certos produtos que os grandes paquetes transportam para regiões longínquas ou trazem para a Inglaterra, e o conjunto de portos de menor importância, demandados por navios mais pequenos, desempenha um papel de extraordinária importância no sistema secundário de distribuição.

Os navios costeiros transportam mer-

cadorias dos grandes para os pequenos portos. Na Gran-Bretanha, onde não há regiões que estejam muito distantes do mar é possível fornecer uma grande parte da população por intermédio do tráfego marítimo, tanto mais que são relativamente curtos os percursos por estrada ou pelo caminho de ferro.

Apesar da guerra, a maior parte do comércio costeiro continua a fazer-se regularmente. Por exemplo, a distribuição de carvão das regiões mineiras e de enormes quantidades de víveres e outros produtos faz-se com normalidade. Assim, êste sistema de transporte chama sobre si uma tarefa que dificilmente poderia ser levada a cabo pelos caminhos de ferro, já embarçados com um excesso

de movimento nunca atingido, e evita as demoras inevitáveis consequentes da seleção das mercadorias e das manobras ferroviárias.

Além disso, um navio relativamente pequeno basta para transportar a tonelagem que, por via terrestre, utilizaria um comboio de camiões. Observa-se, portanto, também uma economia considerável de um produto de importação — a gasolina. Apesar dos submarinos, minas e aviões inimigos, a distribuição marítima é mais rápida e económica, principalmente quando se trata de grandes quantidades.

Na Mancha e na costa oriental da Gran-Bretanha, a marinhagem tem que haver-se com os ataques constantes da aviação inimiga. É ao dobrar o "Cabo do Inferno", como lhe chama a gente do mar, que a tripulação dos navios costeiros está mais intensamente ameaçada pela metralha dos alemães. Mas, sob a protecção da Marinha de Guerra e da Royal Air Force, a faina continua serenamente, como se os riscos da guerra fossem apenas um prolongamento dos perigos da navegação em tempo de paz. Esses homens vigorosos não foram treinados nem no uso das armas nem para os rigores da guerra. Mas, habituaram-se à luta com o mar e com os elementos revoltos que os endureceram e os ensinaram a encarar a morte bem de frente, com calma, corajosamente. Habeis, fortes, inflexíveis, pouco comunicativos e,

talvez, um tanto falhos de imaginação, não gosam da publicidade e da glória que acompanham, geralmente, os uniformes dourados e as medalhas reluzentes. Em terra nada têm que os distinga, a não ser a insígnia com a coroa da marinha e as iniciais M. N. (Marchant Navy) que trazem na lapela. São homens simples como todos os homens do mar, que cumprem a sua magnífica missão, entre os horrores da guerra mais feroz que a história regista, com a mesma calma e o mesmo sangue-frio com que o fariam se eles não existissem. Continuam a heroica tradição dos marítimos da Rainha Isabel que, em 1588, quando a Armada espanhola navegava no Canal e o exército do Duque de Parma, na Flandres, ameaçava invadir a Gran-Bretanha, se fizeram resolutamente ao oceano.

"O vento de Deus soprou sobre eles e espalhou-os", foi o texto piedoso gravado nas medalhadas da Armada que tinham a efigie da Rainha Isabel. A Inglaterra agradeceu a Deus a sua vitória. Mas os homens do mar também mereciam que lhes agradecessem.

A situação é hoje a mesma. Os milhares de marinheiros britânicos que fazem todo o tráfego ao longo das costas inglês não gostariam muito que lhes chamassem heróis e limitar-se-iam a encolher os ombros com indiferença. E, afinal, seria o mínimo que poderiam chamar-lhes.

TRAFFALL

Apesar dos bombardeamentos, o movimento nos portos do Tamisa faz-se normalmente



EM YARMOUTH, TODAS AS MANHÃS SÃO DESCARREGADAS MILHARES DE TONELADAS DE PEIXE, TRAZIDO DO MAR DO NORTE. ESTE ASPECTO DO PORTO MOSTRA BEM QUAL O EXTRAORDINÁRIO PODER DA ARMADA SILENCIOSA

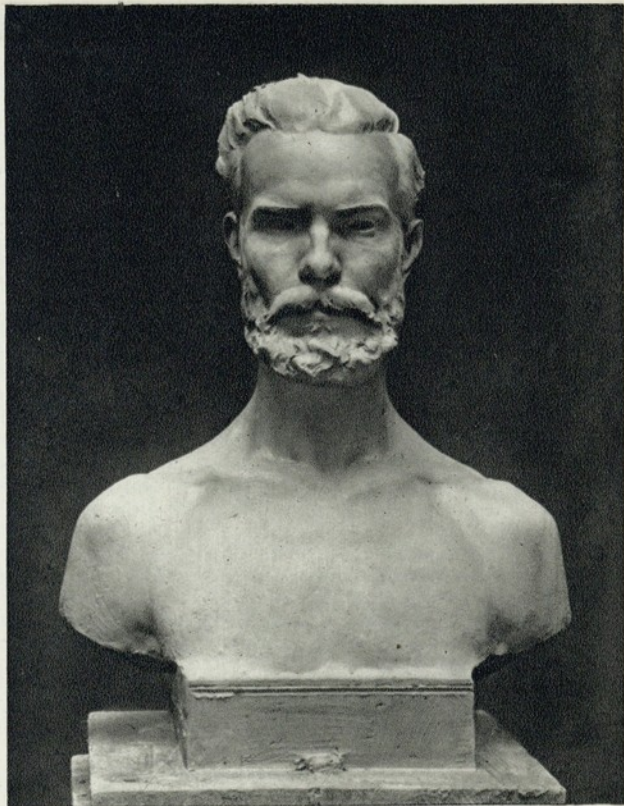
UMA FAMÍLIA INGLESA

por Vitorino Nemésio

Em Maio de 1867 o Jornal do Pôrto começou a publicar uns folhetins de Júlio Denis com o título: *Uma Família de Ingleses*. No ano seguinte, o romance saiu em volume, mas de título modificado. «*Uma Família Inglesa*» parecia a Júlio Denis expressão mais justa para dar, não só a excentricidade de Mr. Richard Whitestone, a doçura pausada de Jenny e os 50 % desportivos do estouvamento de Carlos Whitestone, — que isso eram simples «caracteres», — mas a atmosfera britânica da casinha do bairro de Cedofelta, «com vidraças de caixilhos brancos, retirada ao fundo de um jardim», as grades laçadas de fôlhas de austrálias e de «ramos floridos de japoneiras gigantes» tapando a relva e as âleas.

E, na verdade, essa preocupação de colocar num ambiente bem britânico uma intrigazinha capaz de ligar a gente da Fel-toria à rija cepa tripeira não enganou Júlio Denis. Se os seus ingleses são um pouco convencionais, talhados a figurino e para acertarem com a imagem prêvia que todo o português tem dêles, a maneira como aquelas três ou quatro pessoas contrace-nam umas com as outras, e depois jogam os seus luxuosos desti-nos com o guarda-livros pé-de-boi e a filha inefável, é viva, simpática, romanesca, — uma vez que entremos, é claro, no sis-tema *pôdre de feliz* a que Júlio Denis nos convida.

Quem souber que a avó materna do romancista era filha de uma irlandesa e de um inglês de Londres, Tomás Potter, e que o avô materno, António Pereira Lopes, era português sem mis-tura e empregado na Companhia Velha, compreenderá o encanto com que Júlio Denis, aos vinte anos, fez do seu primeiro ro-mance uma espécie de etopeia, uma lisongeira e lírica alquimia do seu caráter. O Prof. Egas Moniz convence-nos do paralelo que existe entre o feitiço salamurdo do pai Carlos e o velho cir-urgião Gomes Coelho, pai do romancista. O contraponto entre pai e filho, que em casa do romancista fôra um simples drama de temperamentos recalçados — o dr. Gomes Coelho a escrever bilhetinhos ao rapaz em vez de lhe dizer «quero isto...» — *Uma família inglesa* é figurado e explicado segundo uma psicologia



Júlio Diniz, busto de João da Silva

de raça, um pouco nariz-de-cêra, mas certa nas suas grandes linhas e cheia de um amável pitoresco.

Como Jenny e Carlos são já ingleses do Pôrto, Júlio Denis teve o cuidado de fazer de um dêles, de Carlos, uma espécie de híbrido pelo ambiente: um inglês pelo sangue, meridional pelo clima. «Da península recebera o entusiasmo, a viveza de imaginação, a impetuosidade de sentimentos, que raras vezes reprimia; vinham-lhe da Gran-Bretanha a força de vontade, a pertinácia, o estoicismo». É uma dosagem arbitrária do moralista com tinturas de fisiologista que Júlio Denis foi. Mas serve para deixar rasto da intenção secretamente autobiográfica do romance, e daí o grande amor com que Júlio Denis o fez.

Guardo para outra vez o retrato de Jenny, que Júlio Denis quis deixar inglesa 100% para fazer ressaltar as suavidades castiças de Cecilia, a filha do guarda-livros. Hoje fico-me com Mr. Richard Whitestone, com o seu crédito na City e no West-End, com o seu «coração formado e desenvolvido a 51° de latitude setentrional». O acreditado negociante teve de ser cortado pelo molde corriqueiro e conhecido: «tez cor de teijolo», olhos azues, fraque de pano azul do Yorkshire, calças estreitas e cur-tas, botas de muita duração, gravata branca. No inverno, de gutta-percha. E sempre de chapéu inabalável, de chapéu-chaminé, «expressão simbólica da índole industrial e fabril da fa-mosa ilha».

Neste cabide de atributos britânicos que Júlio Denis armou há uma figura viva. Há, pelo menos, um personagem simbólico bem talhado — «verdadeiro inglês da velha Inglaterra, sincero, franco, às vezes rude». A pontualidade dos seus hábitos, o caráter cartilagineo da maior parte dêles, as suas pegaças, o seu *Times*, a sua floricultura desastrada, estão cortados por uma boa fé cheia de humanidade e por uma poesia feita de teima e de recalque, que desabrocha como uma flôr no caráter da filha.

É claro que aquêles Pope e aquele Dryden de Mr. Richard Whitestone são admirações forçadas. As suas reivindicações in-glesas em matéria de arte e literatura tapam as predilecções do próprio Júlio Denis ou estão ali para dar sabor nacional ao livro a todo o custo. As citações do *Tristram Shandy* de Sterne e do *Tom Jones* de Fielding estariam bem se se não abusasse delas. Mas, emfim... O processo era acumular notações que dessem a chamada *côr local*, o mais *côr local* possível. E nem por isso o velho Whitestone ficou insignificante ou nado-morto. A própria presença de Kate, a velha que o criou, nas águas fi-tadas da casa, contribue para a autenticidade humana da obra. A velha enlouqueceu e delira com o mundo de notações ligadas ao seu Dick. É uma espécie de menage protestado de «Merry England» contra o exílio de uma fa-mília inglesa no embarcadouro dos vinhos que fazem as fe-... ate, apoiando e os aniversários felizes.



Um arco do velho Barredo, do tempo do romancista

O AVIÃO CONTRA O COURAÇADO

OU A CONCEPÇÃO QUE FALHOU MAIS UMA VEZ

O avião de grande bombardeamento tem sido, nos últimos anos, indicado como o mais terrível inimigo das esquadras navais, chegando até a afirmar-se que os navios de linha (couraçados e cruzadores de batalha) encontrariam nele, finalmente, o seu fatal adversário.

Sem quereremos entrar em discussões de pormenor técnico, para combater a tese das grandes possibilidades do avião contra o navio de linha — possibilidades que ainda não verificámos através de factos — tentaremos, porém, apoiados em acontecimentos dos nossos dias, defender este ponto de vista: o avião não é, em boa verdade, o inimigo fatal do navio de batalha.

Abstraindo da Grande Guerra de 1914/18, durante a qual a aviação militar vivia ainda num período que se poderia considerar embrionário, passemos à guerra de Espanha, na qual a arma aérea interveio já com papel preponderante e, em larga escala, decisivo.

Excelentes bombardeiros de fabrico alemão e italiano, tripulados por pilotos espanhóis e por aviadores estrangeiros tentaram, em vão, durante quasi três anos, dar caça à relativamente numerosa Esquadra Vermelha sem nunca conseguirem resultados positivos. Dos quatro maiores navios desta frota só um — o couraçado «Jaime I», de 15.000 toneladas — foi, por duas vezes imobilizado pela aviação, mas nunca afundado. Da mesma forma, os aviadores vermelhos não conseguiram nunca neutralizar com a sua acção a notável actividade que a Esquadra Nacionalista sempre desenvolveu, apesar do seu reduzido número de unidades.

Ainda durante a guerra de Espanha, os aviadores vermelhos atacaram com bombas de grande potência o couraçado alemão «Deutschland» (10.000 toneladas) na baía de Ibiza, matando-lhe trinta homens, mas não o impedindo, sequer, de navegar.

Quanto à guerra de Espanha — e a sua duração não foi curta — podemos, pois, afirmar que a concepção do avião contra o navio falhou totalmente.

Passemos agora à guerra actual que nos fornece já larga soma de argumentos em favor de uma tese que não pretendemos defender, porque está defendida pelos próprios factos. Citaremos apenas alguns deles.

Na campanha da Noruega, o couraçado inglês «Rodney», (35.000 toneladas) recebeu uma bomba de 500 quilos, a meia nau. Morreram doze homens, mas o navio continuou em acção sem que o seu potencial tivesse sofrido redução.

Mais tarde, o couraçado alemão «Scharnhorst», (26.000 toneladas) foi atingido por duas bombas e continuou também a navegar.

Quando saía de Oran, sob o fogo da frota inglesa, no dramático incidente que se seguiu à capitulação da França, o couraçado francês «Strasbourg», (25.000



Com intenso fogo de barragem, dois porta-aviões e um cruzador ingleses defendem-se de um ataque da aviação inimiga. Vê-se nitidamente no espaço o rebentamento dos projecteis anti-aéreos

toneladas) foi atingido por um torpedo aéreo britânico, mas conseguiu chegar a Toulon.

Em Dakar, o couraçado francês «Richelieu», (35.000 toneladas) recebeu, também, após o Armistício, dois torpedos aéreos britânicos e ficou à superfície, apesar do grande rombo que sofreu.

Mais recentemente, a frota de linha italiana (navios de 35.000 e 24.000 toneladas) foi atacada na base de Tarento por quadrilhas de aviões torpedeiros

Se bem que o ataque tenha sido ineficaz — talvez porque os torpedos fundeados, constituíam

um alvo mais fácil — nenhum deles foi, todavia, afundado. As avarias sofridas foram graves, mas qualquer dos navios poderá certamente voltar a navegar, se os ataques não se repetirem com igual sucesso.

Ainda há poucos dias, o cruzador inglês «Liverpool», (apenas de 9.000 toneladas) foi atingido por um torpedo aéreo italiano no Mediterrâneo. Seguiu para Alexandria, pelos seus próprios meios, para ser reparado.

Eis alguns factos que nos elucidam, talvez, com mais clareza do que as discussões melhor fundamentadas. É evi-

dente que os argumentos consubstanciados em tais factos não se aplicam a unidades ligeiras, mas parecem, todavia, irrefutáveis quanto a navios pesados e até, pelo visto, quanto a cruzadores vulgares.

Em contra-partida, o grande navio de superfície tornou-se, nesta guerra, já pelo seu volume de fogo anti-aéreo, já pelos notáveis aperfeiçoamentos do tiro contra aeronaves, um inimigo perigoso, mais ainda para o avião bombardeiro do que para o avião torpedeiro.

Se nos lembrarmos de que um coura-

(Conclue na página 30)



O GENERAL SIR ARCHIBALD WAVELL, COMANDANTE CHEFE DAS FORÇAS IMPERIAIS DO EGIPTO, VENCEDOR DA BATALHA DE SIDI-BARRANI, NO SEU QUARTEL GENERAL



O GENERAL SIR WILSON MAITLAND, CHEFE DO ESTADO MAIOR DAS FORÇAS INGLÊSAS DO MÊDIO ORIENTE, LENDO UM RELATÓRIO DAS OPERAÇÕES



COMO SERÁ O ANO DE 1941?

CALMAMENTE, com o ar indiferente de quem conversa sobre futilidades ou emite uma opinião sobre um perfume subtil, começou a desvendar o futuro da Europa convulsionada neste final de ano, da Era de Cristo, de 1940...

— Ganhará a guerra aquele dos adversários que maior reserva de forças espirituais tiver.

— Num futuro próximo?

— Certamente.

— Mas a tática moderna e mesmo a antiga não decidiram batalhas propinando aos adversários versículos da Bíblia...

— As forças espirituais nunca foram vencidas.

— E qual dos adversários possui maior espírito de sacrifício, mais perfetos ideais de justiça social, mais respeito pela dignidade do homem?

— Neste capítulo, as estatísticas humanas falham sempre. Deus é o supremo árbitro.

— Mas que lhe diz a sua experiência de tratar e ler os Astros, como nós outros os romances do Max de Veuzit?

— Diz-me que não devo responder a perguntas impertinentes.

Na mesa frente estende-se um mapa da Europa... Tenho desejos imensos de voltar a ser impertinente... De ouvir talar batalhas, violar fronteiras, de assistir ao devastar de cidades, à louca carnagem de inocentes, ali, sentado, burguês e calmamente, entre aquele cenário banal, metido naquelas quatro paredes dum andar de trezentos escudos mensais. «Se resolve não desvendar mistérios vou-me embora. O seu francês correcto indigente; o meu francês fantástico diverso...»

— Felicidades mãos, de unhas agudas e de dentes...

— Meu Deus! Se eu passo tam-

bém a adivinhar?! Serei dono do Estoril em paradas singelas contra dobradas... Serei rei do «Monte» num repique de três contos aos pés da dama de oiros... Serei... Serei... almirante da roleta e arrematador de tódas as taludas do Natal... Serei banqueiro sempre temido... — E de guerra, então?

— Esta guerra vai ser decidida no mar.

—?!

— A maior batalha naval, uma epopeia marítima escrita por marinheiros de tódas as línguas, por heróis de tódas as raças, voltará a face do mundo. A sorte desta guerra decidirá-se no mar.

— *Pardons, je ne crois pas...*

— O Inferno está cheio de descrentes e, contudo, esta guerra vai ser decidida no mar.

— Então a... ganha a guerra? Diga, não faz mal...

— Eu disse apenas que a guerra vai ser decidida e ganha no mar.

— Chamo a sua atenção para os episódios terrestres que são de respeito...

— Ilusões.

— Decididamente, minha senhora, vamos a nomes e datas, coisas positivas: quando acabará a guerra?

— A vinda do Deus menino não será festejada duas vezes sobre a terra, sem que a paz esteja assinada.

— Com nações vencidas e vencedoras?

— Nem todos os que orientam a guerra assistirão ao seu termo. Um grande homem d'alem fronteiras desaparecerá e a sua morte emocionará o Mundo.

— E do Mediterrâneo, minha gentil senhora?

— Voltará a ser, dentro em breve, um lugar idílico, de Paz elegiaca... um lago tranqüillo onde a corpolência monstruosa dos couraçados e cruzadores...

— Ficarã tãõ desajeitada como uma baleia na tina da minha casa de banho. A guerra foi uma fonte inexgotável e criadora de regras jurídicas... De inovações benéficas. O que nos oferecerá esta luta gigantesca?

— Armas de morte... processos de destruição... Barbarie... A grande surpresa da guerra: a Arma Infernal não apareceu ainda, mas a sua aparição encherá de pavor as gentes timoratas.

— Felizmente que o seu reinado durará pouco. Já existe um evidente cansaço entre as populações... Mais evidente do que se julga. Belligerantes e neutrais sentem a guerra e os seus clamores de protesto e o seu córo de lamentações será atendido no ceu.

Nesta luta, prosseguiu a loira pitonysa, os que não têm Norte, os que não encontraram o objectivo dos seus interesses e ideais, não pretendam encontrá-los depois... Os simpatizantes da última hora, não entrarão na história dos vencedores e vencidos.

— E Portugal?

— Portugal está sob os olhares da sua Padroeira.

E mais não disse a loira pitonysa. Interrogada se queria ler o que os meus ouvidos apreenderam, disse que não... A tarde descia com um manto nevoento e triste sobre a cidade. Gentes muito diversas descliam o Chiado e um petiz, encostado a uma vitrine, fazia um berreiro de todos os diabos para que o pai lhe comprasse uma espada, dez soldados de chumbo, um tank, tudo ali a pronto, naquela loja, e pensava, apoiado em tódas a bruta força, invadir a árvore de Natal do vizinho que, amante da paz, sonhava noite e dia com chocolates...

EM YA... as, tocam-me os ombros numa DO NOR... Meu Deus! Se eu passo tam-

A OFENSIVA NA LÍBIA



Uma coluna motorizada do Exército do Nilo, constituída por soldados neozelandeses



A terrível cavalaria árabe, numa das suas fantasias de fogo e de combate, avança em território inimigo



Nem sempre o simum varre o deserto. Ao sol, esta guarnição de uma peça cumpre o seu dever



Os canhões troam no deserto da Líbia, abrindo caminho às divisões coraçadas inglesas



A água no deserto vale ouro. Nestas típicas talhas árabes, improvisam-se depósitos de ocasião



Os indianos são das melhores tropas que fazem a guerra do deserto. Eis um dos seus atiradores



É assim que os "tanks" avançam sobre a areia incandescente, apoiando a infantaria



Sir Ronald Campbell, novo embaixador de Inglaterra em Lisboa (à esquerda) conversando, em Cabo Ruivo, com o ministro encarregado de negócios do seu país, Sir Noel Charles, quando desembarcou do avião que o trouxe de Londres



COMO ÊLES SÃO!

ADMIREI-OS ainda mais, quando o acaso me levou ao seu convívio durante quasi um mês. Foi num aerodromo secreto da região dos Midlands, onde está instalada uma esquadilha de caça sob o comando de um jovem capitão de trinta e poucos anos. Servi na aeronáutica durante a Grande Guerra — quando a aviação era, ainda, uma arma de características e imprevisíveis e eficiência duvidosa. Fora no tempo da «metralhadora volante», como lhe chamava o grande Guinemer. Nós eramos, então, militares que combatíamos mais por instinto que por conhecimentos táticos ou estratégicos. Não se haviam estabelecido, ainda, regras definidas de combate. Pilotávamos ao fim de umas dezenas de horas de instrução e treino, sabíamos como manejar as metralhadoras. O combate, porém, corria ao sabor de nós próprios.

Nasceram assim os primeiros acrobatas. Mesmo quando a experiência de cada um começava a estabelecer e consagrar processos de ataque e defesa, iam para o ar, quasi sempre, com uma vaga sensação da maneira como cumprir a missão que nos destinavam. Lutávamos com a fantasia. Cada qual criou a sua «maneira», a sua «escola».

Hoje, o Exército do Ar está tão bem definido na sua complicada estrutura militar como qualquer outro, e um piloto com menos de umas trezentas horas de voo é um insuficiente. Depois, o aumento sempre crescente da velocidade, as acelerações provocadas pela manobra constante exigida pelo combate, especialmente na «caça», obrigam a uma rigorosa selecção de valores físicos e psicológicos. O aviador desta guerra não é o aviator de há vinte anos. Todos, muito embora, homens de tempera especial. Mas, hoje, uma hora de luta abala mais o organismo do que os quatro anos de guerra de 1914.

A aviação pertence à mocidade — é a arma da juventude. Foram os melhores dias da minha vida, êsses que passei junto de umas dezenas de rapazes alegres, confiantes, admiráveis de coragem, de energia e de amor à sua causa — que é a causa da Gran-Bretanha e da Civilização. A Inglaterra mal presente o que deve a êsses garotos-homens que simbolizam, na própria liberdade que as suas asas lhe concedem conquistando o céu, a liberdade da pátria e do mundo cristão.

Quantas vezes desejei ter a sua idade para voar a seu lado ao primeiro sinal de alarme, cortando vertiginosamente o espaço em busca do inimigo! Vivem sorrindo sempre — um sorriso que é o seu triunfo. Dois sulcos profundos entre as sobrancelhas e os olhos semi-cerrados pelo hábito da atenção sempre concentrada visualmente, é tudo quanto contrasta com o eterno optimismo do seu sorriso.

A vigilância não se interrompe, dia e noite. Do ar, dir-se-ia que all tudo é abandono, paz absoluta dos campos esquecidos. E, afinal, homens sempre alerta esperam o mínimo sinal para correrem a lançar a morte mais um desafio. «Plenos» sempre feitos, fitas das metralhadoras sem o esquentamento de uma bala, os «Spitfires» aguardam o primeiro golpe de hélice para que o ruído dos seus potentes motores encha todo o céu da Gran-Bretanha, confundido com o gritar estridente e triunfante das armas vomitando a morte.

Uma vez por outra, um novo aparelho, vindo de longe, aterrada numa das imperceptíveis faixas do aerodromo. Rola silenciosamente até desaparecer, tragado pela bocarra escura do hangar. Lá dentro, reina a paz dos túmulos. Vai ocupar o seu lugar ao lado dos outros, o lugar de um que não voltou, onde só existe uma recordação.

Tinha dezoito, vinte anos o coração dessa água perdida. Mas não deixou de bater, sempre vivo na alma da própria Inglaterra.

W. GILBERT





Uma cidade inglesa. As bombas caem, mas esta mulher defende com o seu corpo uma criancinha



Este pequeno inglês, antes de sair da cidade, pergunta a um "policeman", o caminho a seguir



Anthony Eden passando revista a uma "Legião Árabe", no Próximo Oriente. Os filhos do deserto mostram-se impacientes para combater



O Rei Jorge da Grécia, com o general Metaxas, durante uma visita à "frente", da Albânia



Brincando entre ruínas. Pelo visto, até os pequenos ingleses não têm medo da Guerra



Uma divisão da "Home Fleet", encontra-se com a esquadra americana em pleno Atlântico



Na costa oriental da Gran-Bretanha. Este grande bombardeiro alemão foi abatido por um "Spitfire", após duro combate quando tentava romper as linhas de defesa britânicas



A bordo de um dos "Hudsons", recentemente entregues pelos Estados Unidos à Inglaterra e empregados na vigilância costeira. O observador comunica com a Armada Real



A tripulação dum "mercante", britânico mostra, risonhamente, as esguias granadas das suas anti-aéreas



Uma peça de grosso calibre, cuidadosamente camuflada, que, na costa sul do Inglaterra intercepta a navegação do Canal

VENDEDORES DE ILUSÕES

A fama dos vendedores de ilusões que, às vezes, despertam esperanças perdidas, vem de épocas longínquas e acompanha a astúcia do homem desde os tempos remotos em que ele começou a pensar e a tecer quimeras.

A ciência afugentou-os do contacto com os espíritos mais lúcidos, mas eles dominaram sempre as multidões. Uns transformaram-se em oradores e arautos de idéias novas; outros rolaram nos últimos planos, misturaram-se com os truões, os videntes, os predicadores; anunciaram à plebe sucessos venturosos ou de mau agouro, exploraram as crenças e supersticiosos temores das turbas, a ingénua ambição dos iludidos. As multidões escutam sempre os impostores que as distraem com imagens sedutoras.

Os mais populares, os que estão, dia a dia, em contacto com o povo são os propagantistas de certos produtos e ingredientes infalíveis para os males velhos e eternos, de invenções prodigiosas para uso caseiro e aparelhos de variadas aplicações que eles apresentam com a mesma simplicidade de Colombo ao endireitar o ovo.

O homem começa por exhibir as suas habilidades: conta anedotas, faz sortes de prestidigitador, entusiasma-se e, então, entra a discursar. Há tipos dístes que são ilusionistas perfeitos e exímios na arte de distrair os que não têm que fazer. Alguns exibem serpentes domesticadas, lagartos desdentados, micos e saguis, toda uma bicharada triste e passiva que serve de chamariz. Depois de mostrar o seu trabalho, o propagandista ágil, de novo, uma campainha e, quando o grupo aumenta em torno d'ele, começa a sessão. Alafia um garoto, como «secretário» e para demonstrar a excelência dos seus produtos despeja-lhe na gafarina um frasco de líquido oleoso, para lustrar o cabelo e tirar a caspa, fá-lo ingerir a bebida que mata a solitária ou unta-lhe o rosto galhofeiro com qualquer substância gordurosa, magnífica para «amaciar a cutia».

— Mas, o senhor parece que sofre dos calos! — diz o homenzinho a um dos circunstantes. Pois isto — e mostra um pausito — como vela de cêbo derretido ao lume e colocado sobre o calo é remédio santo. Depois, abre uma espécie de estojo com um album e exhibe aos olhos dos descrentes calos do tamanho de dobrões, extraídos com o tal unguento.

— Isto é a prova provada do valor d'este calicida bestial. E quanto custa? — perguntarão os senhores. Na drogaria tal, cinco escudos, mas aqui, no acto da propaganda, não custa nem quatro, nem três, nem dois, mas, apenas, um escudo!

O padecente, que começou a olhar aquilo com olhos descrentes, indiferente e desconfiado, ficou preso da ilusão e requisitou o calicida. Logo um sujeito gordo, de cadeira a correr na casa do colete, com cachuchos nos dedos e ar de espertalhão, expele o insulto:

— Pantomineiro! Aldrabão!...

O propagandista olha-o de reves, com ar superior, continua a salmoçar e pensa: «Outros mais espertos vêem à bebida». Alguns dizem o mesmo, mas, à sucapa, compram o remédiosinho.

Que diabo! o homem governa a vida e além disso não diz que dá vida aos mortos ou vista aos cegos, nem faz propaganda subversiva.

Outros exaltam as virtudes de méisinhos que operam milagres:

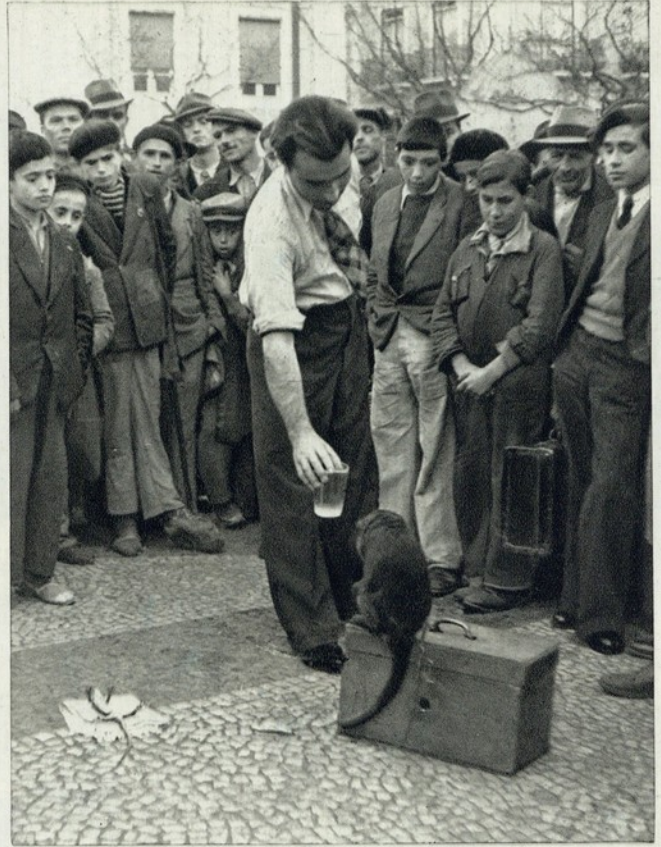
— Uma colher de chá d'este remédio, em água, tomado em jejum, limpa e alivia, por dentro. É diurético, laxativo e fortificante.

No largo de S. Roque ou ali no Camões, nos quatro cantos do burgo, eles oferecem maravilhas à pobre Humanidade sofredora. Alguns têm o ar grave de quem anda naquilo por amor do próximo:

— É mais fácil um cego, com este aparelho, enfiar uma agulha, do que os ricos entrarem no reino dos céus. Este vende aqueles aparelhos e outros para bordados de fantasia e para apanhar malhas desafiadas. Faz o seu negócio no Chiado, a artéria das elegâncias e dos luxos espantosos. O local é óptimo. Pudeira! — se um par de meias de seda fina custa a qualquer dama os olhos da cara.

— Um apanha-malhas custa, apenas, um escudo!

João de Ourém



Os vendedores de ilusões fazem sortes, com a bicharada que os acompanha



Quando o público fecha a roda, o propagandista entusiasma-se e entra a discursar



Em pleno Chiado, os vendedores de utilidades caseiras têm farta clientela



O exemplo do futuro é dado por esta «mulhersinha» decidida, que não desdenha trabalhos de pedreiro



Até que enfim! Um balanço e «orelhas» ao alto, livres das carícias dos srs. guardas

“CIDADE EM FLÔR”

OS jardins de Lisboa eram para as crianças, ainda há meia dúzia de anos, edens de proibição. Fôsse um «atrevido» qualquer, de sete ou dez anos, mesmo com fato à maruja, cavalgar um banco! Experimentasse um «esperto» furar as ruas limpinhas do jardim com cinco covoletas, para fazer geito ao berlinde, e esperasse a recompensa da habilidade! Desenhasse com giz ou barro o «jôgo do homem» e ajuntasse três companheiros, a ver se acabava a partida?... E' o acabavas... E então dar duas cambalhotas na relva, que estava sempre um amor, ou tentar pescar no lago uma rã, daquelas muito verdes, com escamas e três papos, constituía um pecado mortal que metia a peni-



Um «cêrco» complicado que não se resolve com discursos nem com violência



Não salta ao «eixo» quem quer! É preciso ter pernas leves e esta coisa preciosa—oito anos!

tência de um puxão de orelhas de ver Deus, Pai Criador, no Céu!

Que pesadêlo os guardas recrutados entre reformados do Exército! Tinham uma cara de aflição e uns bigodes de fazer chorar!... A farda emprestava-lhes um ar marcial ne Bismarks vencedores nas sete partidas do Mundo. Nada de humildades paisanas. Tinham uma voz de comando imaginário e pragas de estarrecer os santos da Côrte magestática do pálido Jesus, Amigo das criancinhas... Alguns deles, traziam, à laia, de bastão, uma cana cheia de nós... E os garotos andassem ligeiros, que de um guarda de jardim, postado ali, para amparo dos pequenos visitantes, havia tudo a esperar... menos nozes, figos e boas palavras... E o peor era que esta vigilância oficial completava-se com a ajuda das pessoas respeitáveis da família, que levavam as criancinhas a «divertirem-se» nos jardins, com muita decência, sentadas à sombra dos bancos e sob os olhares inquisidores de velhas tias que gosavam o fresco fazendo malha...

Que boa gente os meudos!

Todas estas injustiças sofreram sem revolta... Não



«limpeza» do jardim faz-se à «borda». A caruma arrumada nestes carros chega para uma fornada de bolo-rei

guardam rancores... Os choramingas nunca governaram vida quando garotos porque a «clan» é instintivamente justa, independente e sincera. E era esta «boa gente», que dá gratuitamente exemplos de desprendimento e camaradagem, que andava relegada para um plano secundário sob a tutela de guardas brutais, como se um jardim fôsse uma roça! Não, não podia ser. Mas tudo leva tempo e necessita de compreensão...

...Hoje a paisagem é outra. Para tal, bastou que uma mulher, que é poetisa e mãe, a sr.^a D. Fernanda de Castro, passasse pelos jardins da capital, e olhasse para a gente meúda, com o carinho de uma alma sensível e educadora... Os meúdos, aqui e em tôda a parte, são gente e gente da melhor!... Surgiram assim, como nos contos de Fadas, os planos inclinados, lindos carrinhos de mão, baloiços, arredouças, um mundo de maquinaria aseada e mãos amigas de vigilantes agradáveis, tudo ali posto, para uso exclusivo da petizada, que tem estas coisas preciosas e ainda as orelhas livres das mãos pesadas dos srs. guardas... Podem trazer no jardim o fato de ir à missa... Têm lá bibes e água para amassarem com areia lindos castelos com seus minaretes e seteiras, símbolos eternos das eternas ilusões que nos acariciam em pequenos e nos acompanham fielmente pela vida fora.

Fernando Calixto



«Uma bicha» que não mete polícia a conter impaciências. Todos teem lugar



Uma perspectiva da Avenida Almirante Reis, depois do arranjo que sofreu

FISIONOMIA DUMA RUA

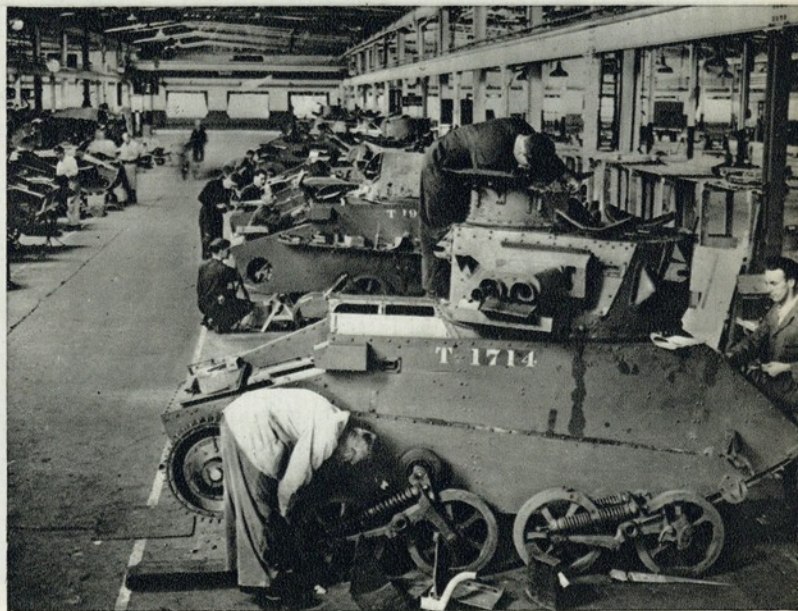
LISBOA ganha novos horizontes. O seu corpo sulca-se de artérias audaciosas, largas perspectivas, monumentos e praças que são coroas de beleza, rutilantes de luz. A sua fisionomia como que se modifica em expressões estranhas. Há já uma cidade inédita que contrasta com a topografia do velho burgo — larga, arejada, por vezes linearmente cubista, na sua arquitectura de volumes e de linhas rectas. Projectamos no futuro a urbe do ano 2.000, sonhando com dois milhões de habitantes, dezenas de aviões descendo nos aeroportos, e um trafego atlântico que fará do Tejo o mais valioso cais da Europa. Se há avenidas que ainda não têm fim, hesitando nos terrenos vagos, sem saber o seu destino final, outras há, porém, que irradiam, para os arrabaldes criando novos centros de comunicação.

Uma destas últimas — é a Avenida Almirante Reis, hoje a maior artéria de Lisboa, o traço de ligação entre o sul e o norte, via triunfal, que alguns já compararam pelo seu movimento à Broadway, de New York. A imagem pode parecer exagerada, mas tem côr, expressão. Almirante Reis tem vários aspectos. É pobre e burguesa, 1910 nos prédios dos primeiros quarteirões, e moderníssima, 1940, «á la page», nos últimos que abrem ao sol todas as suas janelas, em rectângulos inumeráveis. A multidão que nela transita tem um passo apressado, rápido, de trabalho e de energia. As placas centrais estão sempre ociosas de conversadores desocupados, e o seu pequeno jardim, onde assenta a igreja dos Anjos, é apenas uma moldura de flores — sem romantismo. Nas transversais aglomeram-se bairros curiosos — pequenas cidades com o seu carácter próprio, geografias de sentimento cidadão que o lisboeta domingueiro descobre, como por encanto, num passeio lento e deslumbrado.

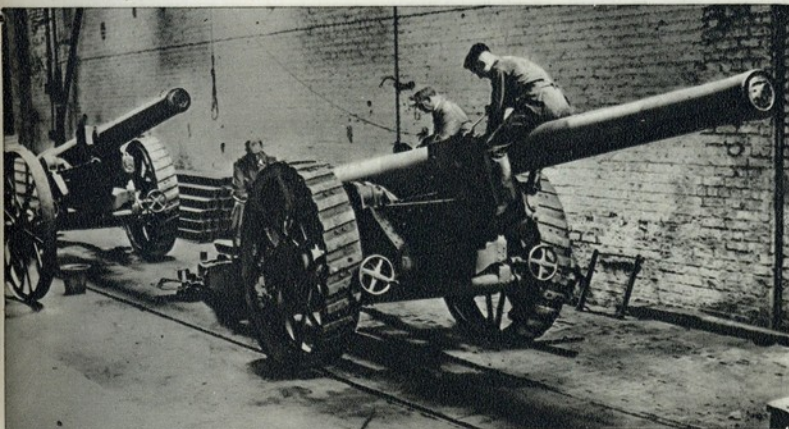
COMO A INGLATERRA FORJA AS SUAS ARMAS



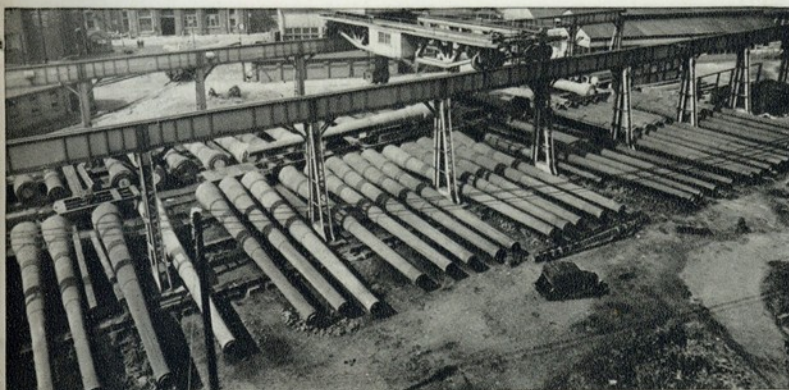
Milhares de armas automáticas estão sendo fabricadas na Gran Bretanha, a uma velocidade de guerra



A construção, em série, de blindados não cessa. Na oficina de montagem os carros assalto recebem a última afinação



Numa fábrica de peças de artilharia de campanha os operários precedem à montagem dos últimos acessórios

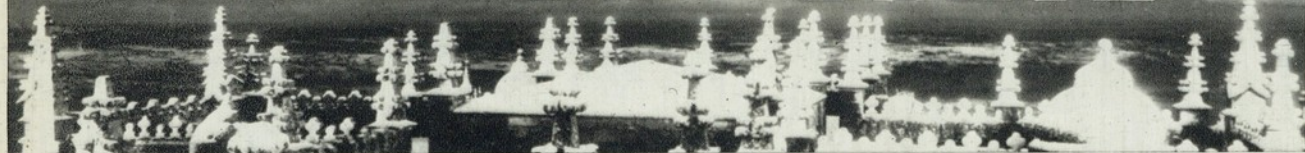


O fabrico de artilharia de grosso calibre é cada vez mais intenso. Canos de peças, ainda em bruto, aguardam o momento de entrar no torno



A produção aeronáutica inglesa atingiu números nunca igualados. Numa fábrica, um operário procede ao acabamento duma hélice

SINFONIA DA NEVE



QUANDO o Inverno desce sobre o alve manto da neve sobre as montanhas orgulhosas, abrem-se cenários de imponente fantasia e a Natureza prodigiosa oferece um espectáculo singular, nesses regiões solitárias e frias.

Ao principio, minúsculas escamas de cristal começam a desarticular-se da espessura cinzenta e triste que envolve o céu e precipitam-se na imensidão do espaço, em brenda desceida. Quando as primeiras tocam a terra áspera e enregelada, transformam-se em pérolas e estas desfazem-se em lágrimas; mas, depois, outras camadas cobrem os vestígios daquelas e, nas serrilhas dos penhascos ou nas pregas dos céros, alvejam, em traços indistintos, as primeiras manchas de neve, fofa e transparente.

Um silêncio imperturbável vem da terra calma e dilata-se até aos horizontes esbatidos na bruma. Depois, lá no fundo dos pinhais, levantam-se susurros frouxos, como o marulhar das ondas, a distância, e a neve já cai em flocos que andam a bailar, em remoinhos, aos apupos do vento gelado, rumorejando, furioso, entre arvores desganhadas, nas encostas batidas pela mortada inelmente.

É a sinfonia da neve e, então, nos casabres perdidos e humilhados nos cumes das serranias, entra aquela infinita tristeza, a funda turbacão de que o poeta nos fala na sua formosa balada. À medida que alivia a tristeza no céu carregado, a mancha alvinitente alastra nas superfícies desoladas e cresce das profundidades dos vales soturnos entre gigantescas penedias amortalhadas em sudários brancos. Já as aldeolas escondidas nas dobras dos montes parecem sepultadas na neve e as árvores em prodigiosos equilíbrios nas escarpas e à beira dos precipícios medonhos vestiram-se tódas de branco, em espiquesos rendilhados de espuma. Os pinheiros hirtos vergam os braços suplicados pelas agulhas de vidro e adquirem fantásticas expressões, como se fôsem elementos de um mundo estranho. Extinguiu-se a vida, sob as cúpulas das ramagens entrelaçadas, sustidas por capiteis estrelados, e que adquiriram uma tonalidade de céu irreal pelos reflexos das claridades filtradas através dos finos cristais da neve.

Abrandonou a ventania e, apenas, se sente o pálido rumor, como o roçar de asas soltas, da aragem que corre ligeira e se enleia nos troncos arripiados.



Na formosura triste da neve, ainda uma chama acalenta os corações envelhecidos



Os desportos alpestres, nos cenários magníficos, engrandecem o homem

A neve continua a cair, num ritmo brando e mais espaçado; o negrume do céu esvai-se em chuva de arminho, a roeira transforma-se em melodioso arfar e, ao longe, a névoa desfaz-se, fundindo-se em vaporosos tules e fumos róseos.

Então, essas cidadexinhas silenciosas, de feição alpestre, que do alto das serras acenam aos excursionistas, ostentam turbantes claros e oferecem-se, sedutoras e gentis, à contemplação dos olhos que andam cheios de Sol e sentem saudades da neve, quando as amendoeiras, na mesma época, florescem nas paragens levantinas.

O espectáculo da neve tem maior imponência nesses pequenos burgos de vida calma e simples, que, umas vezes, surgem poisados nos cumes, desafiando as tempestades, e outras parecem adormecidos à espalho das montanhas que os protegem das arremetidas dos ventos agressivos, cu se vêm, ainda debruçados e risonhos sobre panoramas perturbadores, no fundo dos abismos.

Passam as geadas que cristalizam a neve e, quando voltam os dias claros de Sol doirado e as noites de luar, as cidades resplandecem nos pinheiros. As suas catedrais, de gótico primoroso, bordado a renda de luz, rutilam em constelações divinas como se a rematar os pórticos, nos pináculos e coruchéus, brilhassem estrelas.

A brancura que alastra até ao infinito e dá a sensação da eternidade entra nas almas, como alívio supremo. E no recolhimento da montanha, renascem esperanças vacilantes e ilusões perdidas que acalenta os corações cativos em peitos combalidos. É a alegria radiante que desperta os tristes das suas cismas, os suaves enlevos, as doces contemplanções dos mistérios da Natureza, entre os silêncios, toda a magistral beleza e a santa harmonia da «Montanha mágica» de Thomas Mann.

Mas a região nevada não têm, apenas, encantos para as almas simples dos contemplativos. É campo de sedutora aventura, rica de emoções, onde o homem surge, vigoroso e forte, a dominar os elementos; onde ele procura recompor as energias, na prática dos desportos salutaros, repousar o espirito nas solidões e elevar a alma na contemplação do espectáculo de beleza eterna.

FIGURAS E FACTOS



Éstes ficam, ainda, à espera que outro barco venha e os leve também. Tejo abaixo, em busca do Novo Mundo



Os pequenos refugiados deixam Portugal a caminho de regiões mais distantes. A América é a terra de promissão



Talvez desejasse levá-los para casa. Mas para quê, se já vai adoçando a boca com o dinheiro do frete?



O primeiro ministro da Grécia em Portugal, sr. Kimon Kolas, com sua esposa, quando chegou a Lisboa



Noite de Natal. Ainda nem sabe sonhar e a luz pequenina duma vela é para ele como uma estréla muito distante que nunca se alcança



O famoso grupo dos ingleses de Carcavelos, que jogou de 1890 a 1892



O team do «foot-ball de Lisboa» que jogou contra o «Carcavelos» em 1892

AINTRDUÇÃO DO FUTEBOL EM PORTUGAL

— O futebol é hoje, no mundo, o desporto mais popular. Nenhum outro o iguala, sob esse aspecto. As cifras que se alinham para representar a importância da sua expansão são, por assim dizer, astronómicas. O maior campo de futebol que há no mundo está em Glasgow — o Hampdon Park — e comporta 150 mil pessoas — e enche-se a transbordar no dia do Escócia-Inglaterra; um sábado da Liga Inglesa movimento dois a três milhões de *supporters* e produz mais de meio milhão; um jogador de primeira fila vale 1.500 a 2.000 contos; um campeonato do mundo reúne 30 a 40 países e rende 15 a 20 mil contos — uma loucura...

Esta espantosa difusão do futebol deu-lhe proporções de desporto retintamente popular, verdadeiramente plebeu. Os nobres, pode dizer-se, não jogam futebol...

Em Portugal, o futebol é igualmente o jogo dilecto do povo. Os operários, os trabalhadores, os modestos empregados, a gente humilde fornece o campo de recrutamento. Mas — nota curiosa — o jogo foi jogado em primeiro lugar pelos rapazes da «alta roda». No seu início, foi um desporto da moda, da *melhor sociedade*. A villa de Cascais, nessa época, estância real de verão, onde se reuniam a corte e os *palacianos*, foi o local da primeira partida de futebol — do primeiro «ensaio», como então se dizia.

Como se iniciou em Portugal este famoso desporto inglês? A História dos Desportos em Portugal, magnífico empreendimento de Tavares da Silva, Ribeiro dos Reis e Ricardo Ornelas, narra com todo o pormenor, nos seus dois últimos tomos, a introdução e vida deste desporto no nosso País,

À família Ferreira Pinto Basto — uma verdadeira dinastia de futebolistas e de sportsmen — é devida a introdução do jogo. Os dois irmãos Eduardo e Frederico trouxeram, em 1886, de Inglaterra a primeira bola e com seu irmão Guilherme — depois o primeiro capitão e guarda-redes da equipa de Lisboa — e iniciaram os três a propagação do jogo. Na Parada de Cascais, onde hoje há um jardim, fizeram o primeiro *ensaio*; e depois outros em Belas



Um grupo de aristocratas, que jogaram em Outubro de 1888 na Parada de Cascais

e no Campo Pequeno, reunindo à sua volta alguns amigos e alguns membros da colónia inglesa. Pertenceram a esse primeiro grupo de futebolistas portugueses entre outros o conde de S. Lourenço, os irmãos Jorge e Francisco Figueira, Visconde de Asseca, conselheiro Aires de Ornelas, D. Simão de Sousa Coutinho, Pedro Sabugal, António Aviléz, Visconde de Castelo Novo, etc.

Nessa altura, é bem de ver, o futebol era empirico, quasi ridiculo a par do futebol de hoje; não havia nem se falava em treinadores, massagistas, duches; o equipamento era heterogéneo, cada um de sua maneira; as balizas eram um monte de pedras; não havia campos próprios — mas havia porventura um pouco do que falta ao jogo de hoje... As curiosas fotografias que hoje pu-

blicamos são amostras sugestivamente típicas do jogo de 1886-88...

Depois desta tentativa da família Ferreira Pinto Basto, os ingleses que viviam em Portugal deram o maior impulso ao futebol. Entre estes destacaram-se sempre os jogadores do Cabo Submarino, em Carcavelos. Durante anos, o único campo que existia era o do Quinta Nova. E foi ainda o auge do *Eastern* que até 1908 manteve a primasia no jogo. Vencer os ingleses de Carcavelos era a maior proeza que uma equipa portuguesa podia realizar, e ainda hoje são lembradas as primeiras vitórias dos portugueses.

O major Montgomery, que dirige hoje o Cabo Submarino, pertenceu a essa geração e é ainda um apaixonado *supporter*, pondo sempre a Quinta Nova à disposição da equipa nacional para os seus estagios, em vespuras de jogo internacional.

A família Ferreira Pinto Basto, não se limitou porém a introduzir o jogo. Fundou o Club Internacional de Futebol, que ainda hoje existe e foi um dos principais clubes portugueses e deu ao futebol uma série de bons jogadores, entre os quais se destacaram Eduardo Luiz e Fernando Pinto Basto, aquele o melhor guarda-redes da sua geração, este o melhor avançado centro português de todos os tempos, na opinião do *mestre* Artur José Pereira.

Fernando de Oliveira





O Rei Miúdo não desarma. Seja muito embora a guerra, mas no casamento de sua filha há-de cantar-se o seu hino: «Forever»

Graciosas aventuras na fantástica terra dos anões

Com a apresentação do super-desenho colorido da Paramount «AS VIAGENS DE GULLIVER», teremos um espectáculo onde se aliam, de modo feliz, os atractivos do que diverte e o mérito artistico mais refinado.

Max Fleischer, cujos desenhos animados são de há muito o passatempo favorito do público de todas as idades, pois tanto a criança como o adulto acham nêles estímulos para a imaginação e incentivos para o riso, deu rédea solta à sua travessa inspiração para apresentar-nos, num filme tecnicolor de longa metragem, as incríveis e graciosas aventuras de Samuel Gulliver, na fantástica terra dos anões.

Maravilhosamente musicada do principio ao fim e encerrando a fascinação encantadora de um conto de fadas, a película, que o Eden-Teatro estreia em breve, transporta-nos suavemente até êsse país de Lilliput e, em poucos momentos, sentimo-nos inclinados a olhar como algo real e verdadeiro as ridículas contendas do Rei Bombo com o Rei Miúdo, as maquinações dos três espias; os contrariados amores do Príncipe David e da Princesa Glória; os sustos e correrias do «Gibirú» e de seus minúsculos companheiros.



Pois também o Rei Bombo não transige. Custe o que custar, a canção será: «Faithful». A guerra não o intimida

Página Feminina

Os pormenores da Moda

A linha de 1941 já está estabelecida: corpo justo, cinta no seu lugar, saia menos rodada, manga bem épaulée e muito cingida, chapéus de movimentos largos e ascendentes.

Mas há pequenos pormenores que são como a ilusão, aquêles quid que dá personalidade e indefinível encanto.

Ora aqui temos alguns:

- o clip de orelha tem agora um prolongamento para trás, acompanhando o bocadinho de pele que se vê até ao cabelo;
- a renda na cabeça usa-se para jantar de cerimónia. Prende-se com uma jóia e deixa o cabelo descoberto, à frente;
- fez sucesso uma rapariga americana que, num baile, apareceu com um vestido em musselina branca, com cinto, sapatos e luvas em tecido dourado. Um ramo de ouro prendia-lhe o cabelo negro e pulseiras e brincos no mesmo metal terminavam o conjunto;
- há saias que se colocam como se fôsem aventais. Atrás, fecham com bastante roda, para não abrirem. Formam laço na anca;
- toucado para damas de honora: no alto da cabeça uma grande flôr. Duas fitas de veludo vêm dar laço por baixo do queixo e prolongam-se até ao chão;
- as três côres preferidas no *bâton* são: *red flare*, *crimson* e *cherry*.
- a saca e a boina em pele de leopardo cortam bizarramente um conjunto escuro;
- *ex-libris* para uma rapariga, que tenha namôro, mandar gravar no seu papel de escrever: um coração dentro duma gaiola dourada suspensa por um laçarote ciclame;
- os chapéus em peninhas usam-se agora. Para a transição da Primavera, ver-se-á muito o setim lacado e o *panne-satin*;
- um roupão em pele de pantera, com cauda dará um ar encantador e um nadinha perverso à mulher que tiver olhos verdes.

de AURORA JARDIM



A Moda de hoje na sua extrema simplicidade

VERDADES

Pode-se remar contra a maré, lutar um ano, dois, três — mas quando se gosta há um momento em que a «água a ferver» que se sente dentro do coração já não deixa mais ter força.

E então é seguir o preceito de Napoleão: «em amor, a vitória é a fuga».

Entre dois que se querem, até falar do tempo ou do mais banal assunto, tem um sabor especial e delicioso.

Será possível a «amitié amoureuse» entre homem e mulher?

Tão difícil!...

Em face dos túmulos dos faraós e da Esfinge, adquire-se uma sensação de indefinido — as múmias escuras pelo tempo e pelos ácidos, ensinam-nos que não vale a pena ligar tanta importância ao conflito interior e ao anseio momentâneo. Daqui a segundos, seremos pó.

SAIBA VESTIR-SE

Primeiro, ponha-se em frente dum espelho grande e estude-se. Depois, tom sentido no que vou dizer-lhe e, se concordar, ponha em prática:

— Tem o rosto muito comprido?

Evite os caracois no alto da cabeça e coloque-os antes junto das fontes, ou então use o cabelo muito sólto e curto.

— E' forte de busto?

Fuja das malhas que vincam demasiadamente o seio e use casacos soltos. O *empieement* corta um pouco, com a condição de não sairem de lá pregas ou franzidos.

— Tem a testa demasiado alta?

Corte franjinha.

— Tem feições muito acentuadas?

Não use o *tailleur* clássico nem nada que a masculinize. Tons escuros mas sempre a nota feminina do *jabot*, da renda, da joia.

— As suas pernas são muito delgadas? Use meias claras.

— O seu rosto já não está muito fresco?

Evite os chapéus colocados muito para traz. Mas poderá usar os turbantes que tanto se vêem e que não descobrem mais dum centimetro de cabelo, na frente.

— E' baixa e atarracada?

Os quadrados não servem para si: nem escocês, nem *pied-de-poule*. Mas sim, as riscas verticais.

— É loira?

O amarelo ficar-lhe-á bem mas não o castanho. E os tons pastel.

— F' morena?

Fuja do encarnado que banalisa, mas ficar-lhe-á bem o vermelho escuro. E o branco.



Encantadores chapéus franzidos e originais. Veludo e cetim, joias e cabelos revoltos



UMA NOITE NA SELVA

NOVELA DE CASTRO SOROMENHO



A noite veio de repente, sem que os homens a esperassem, com forte aguaceiro e ventania. O céu escureceu, amortalhou o sol em meia jornada para o poente, encheu a terra de sombras, que se juntaram com o abraço das nuvens até que se fez noite negra.

E, surpreendeu as mulheres que trabalhavam nas lavras. Aos gritos, elas deitaram as enxadas para o chão e correram a refugiar-se na senzala. Emmudeceram os pilões onde as vêlhas farinhavam mandioca. Gritos cruzaram-se no espaço levando ordens que ninguém ouvia. Um relâmpago riscou com sua luz crua o céu negro. E os cães, inquietos, começaram a correr de um lado para o outro e a ladrar.

— Isto vai ser bravo! — disse o pescador Gunga, espiando o céu.

O pescador deixou a *chota*, onde estivera a falar com o seu amigo Jambo, canoieiro no Cuilo, foi ao encontro do filho, que chorava agarrado às pernas da mãe, e levou-o, ao colo, para a sua palhota.

Ele e o seu filho Gandálo viviam numa pequena cubata, afastada do terreiro, a dois passos da boca do caminho para o rio. Sua mulher, por se encontrar grávida, habitava numa cabana onde ele não podia entrar, sem cair em desgraça e sujeitar-se à ira dos deuses, porque mulher nesse estado é tabú.

Cerraram-se as portas dos tugúrios. A terra e a vida dos negros encheram-se de espanto. Acenderam-se as fogueiras. E os homens, ao redor dos clarões, escutavam, prêsos de medo supersticioso, o temporal.

Começaram a falar, em jeito de reza, consigo mesmo, a quererem calar o pavor que os atormentava com a voz do seu medo...

Por entre as frinças das paredes de colmo, infiltravam-se raios de luz dos relâmpagos, e os negros olhavam-se com angústia.

O vento sacudia árvores, desgrenhava-as, rasgava-lhes as ramagens e jogava-as a grandes distâncias. E, de espaço em espaço, faiscas fendiam árvores seculares, que tombavam com estrondo, aumentando o pavor dos homens.

A terra abria-se, aqui e ali, ferida, queimada pelas chicotadas do fogo do céu. Em enxurrada, a água da chuva corria pela aldeia como em leito de rio.

O mundo vai acabar! — pensaram os lundas.

Agarradas às mãos, as crianças choravam desesperadamente. E as mulheres, acorodadas nas esteiras, em frente das fogueiras apagadas, rezavam em voz alta, implorando a protecção dos espíritos.

— A noite está brava, — disse o Gunga, olhando para o filho, aninhado no seu colo. — Vem para aí água que é o fim do mundo!

A luz de um relâmpago penetrou através das fendas do colmo e iluminou intensamente a cabana. Cerraram-se os olhos à pancada de luz.

— Pai, tenho medo...

E o rapazinho aconchegou-se mais ao peito do Gunga, passando-lhe os braços em volta do pescoço.

O vento soprava com violência das bandas do Norte. O zunido que fazia ao passar junto às cabanas, aterrorizava os

negros, porque eles sabem que o vento do Norte traz desgraças, atira os homens para a loucura e semeia a morte. É ele que arrasta, dos confins das terras misteriosas, as vozes dos espíritos dos *gangas*, dos feiticeiros assassinos.

Hoje é dia de *Zambi-ia-meia*, o deus da água, que é também o deus da desgraça. Nas noites de tempestade, nas noites que são profundamente negras na terra, no céu e na alma dos homens, ele mostra-se sobre as águas revoltas dos rios, e aí daqueles que andam sobre os dongos e jangadas, que sua fúria raramente os poupa.

Todo o mundo sabe que o *Zambi-ia-meia* aparece nas noites fantásticas dos grandes temporais, mas ninguém ainda pôde descrever sua aparição assombrosa, porque aquele que o vê morre de encanto! É ele, o deus da desgraça, incarnado numa serpente monstruosa, que leva os afogados para as misteriosas viagens dos rios africanos. É ele que bebe o sangue de todos os homens que morrem na água. É ele o senhor dos rios e das lagoas africanas.

O Gunga está a tremer de medo, ele e todos os homens da aldeia, porque o vento do Norte, em noite de temporal, anda por ali à procura de almas para as levar às misteriosas terras por onde só se viaja depois da morte.

Os cachimbos quedaram-se nas mãos trémulas dos velhos. As mulheres apertam os filhos de encontro ao peito.

Cauina, a mulher do pescador Riulo, que a noite surpreendeu na margem do rio e não pôde regressar à aldeia, está a chorar pela sorte do seu homem, que hoje é dia de aparecer *Zimba-ia-meia*. Ela chora pelo seu homem, que está longe, dentro da tempestade e à beira do rio, e todos choram pelo seu próprio destino.

Os cães começaram a uivar. É a morte que anda a rondar a senzala ou o *Zimba-ia-meia* que se estendeu sobre as águas, que os cães vêem à distância o fantasma da morte.

— Pai, pai, tenho medo.

— Não tenhas medo, Gandálo. Isto vai passar. — E o Gunga, a tremer tanto como o filho, puxou-lhe a cabeça para o seu peito.

— Eu quero a mãe — pediu com os olhos rasos de lágrimas.

O pescador não lhe respondeu. Instintivamente, retirou a mão que afagava a cabeça do garoto.

— A mãe... a mãe... — murmurou o homem.

E, volvido um momento, disse a si mesmo:

— Sim, é pela mãe que todos nós chamamos, quando o medo vem ter connosco. Mãe...

E o Gunga voltou a apertar o filho de encontro ao peito.

— Pai, eu quero a...

A voz do rapaz foi cortada pelo rimbombardar do trovão. Tudo à sua volta tremeu. A cabana foi violentamente sacudida. Estalaram os paus do seu arco-boiço. Um golpe de vento descolmou-a de um lado. Rápidamente, a chuva entrou por todas as bandas.

Uma fiação fendeu a terra, mesmo ali à beirinha da cabana. Pai e filho foram violentamente separados e arremessados de encontro aos paus da casa. O Gunga soltou um grito, como um urro, que o estampido do trovão abafou. Cego pela luz dos relâmpagos, estendeu os braços para a frente, como que a abrir caminho, e bateu o espaço à procura do filho.

— Gandálo! Oh Gandálo!

Só ele ouviu a sua própria voz. De joelhos e mãos no chão, às cegas, arrastou-se pela cabana, a chamar em altos berros, pelo filho. A chuva caía-lhe a potes sobre o corpo nudo, mas ele não sentia frio.

— Gandálo! Oh meu filho! Oh Gandálo!

A sua voz morreu na tempestade. Ninguém o ouvia.

À luz de um relâmpago, que iluminou intensamente a senzala, o Gunga viu-se afastado da sua cubata, a gatinhar à-toa pelo terreiro, o chão feito lama, e para ele tornou à procura do filho. Foi encontrá-lo estendido sob um monte de destroços.

— Gandálo! — gritou com voz rouca, precipitando-se sobre a criança.

As suas mãos, ao tocarem no corpo do filho, todo encharcado e coberto de lama, tremeram e, instintivamente, afastaram-se para acto-continuo correrem ao longo do corpo hirto, febrilmente, como garras à procura da presa. E de novo as suas mãos, como que cansadas, se afastaram e tombaram, como mortas, na terra molhada, onde abandonara, desalentado, o seu corpo, ferido, rasgado pelo sangue dos galhos das árvores caídas no terreiro.

— Meu filho... Oh! meu filho...

Angustiado, levou as mãos ao pescoço, dorido como se lho houvessem apertado com toda a força. Começou a tremer. Sentia frio, mas um frio diferente do frio da noite e do vento — frio que lhe chicoteava a alma.

O estampido de um trovão obrigou-o a levantar-se precipitadamente e reanimou-o. E as suas mãos voltaram a procurar o corpo do filho. Mas, agora, não se afastaram, não sentiram o frio horrível que o apavorara.

— Gandálo, meu filho... ouve meu filho... sou eu, eu, o teu pai... — E apertava de encontro ao peito o pequeno corpo, em jeito de embalar.

Ele não queria acreditar que o filho tivesse morrido. Mas à luz de um relâmpago viu um golpe, ferida que já deixara de sangrar, na cabeça do criança. E um grito de horror saiu-lhe da boca crispada, sacudindo-lhe o corpo:

— Morto!

Abraçado ao cadáver, o Gunga pôs-se a correr, sem destino, pela aldeia, gritando injurias aos deuses e ao vento do Norte, o vento da desgraça que viera buscar o seu filho.

A chuva, tocada com violência pelo vento, fugitava-lhe o corpo e tapava-lhe os olhos, mas ele, indiferente a tudo que

o cercava, andava ao acaso, cambaleando, sempre a gritar as mesmas palavras de cólera, todo o seu desespero. Ao passar junto a uma cabana tropeçou numa árvore e caiu de bôcco, sem largar o filho. Quis levantar-se, mas como as mãos se negavam a abandonar o cadáver, os seus esforços foram tão desesperados como inúteis. Extenuado, deixou-se ficar sobre o filho e sobre a lama.

Os gritos do Gunga tinham sido ouvidos na cubata do Jambo.

— Estão a gritar lá fora, — disse o canoeiro, voltando-se para a mulher.

Ela abriu muito os olhos, espantada, escutou durante um curto momento e, a meia voz, disse:

— É o vento do Norte.

— Não, não é. É gente que está a gritar. Eu vou ver. — E o Jambo levantou-se.

— Não, não vás, — pediu ela, ao mesmo tempo que o segurava por um braço. — É o vento do Norte que vem buscar gente.

Ele não se mexeu. As palavras da mulher trouxeram-lhe medo. Não, não iria ao terreiro, porque o vento do Norte lança os seus chamados como vozes humanas para atrair os homens destinados a desaparecerem nos temporais.

O canoeiro Jambo sabe tudo isto. Ele conhece as histórias do vento do Norte e todas as outras de *Zambi-ia-meia*, que são as mais fantásticas histórias do sertão africano.

Ninguém as ouve sem que um frio de gelo lhe percorra a espinha.

Agora, que ele está acororado junto à porta da sua palhota e colou o ouvido na parede de colmo para melhor distinguir as vozes, todas essas histórias se destacam na sua memória.

Mas os gritos do Gunga, de espaço em espaço, embora mais fracos, chegaram-lhe aos ouvidos. A voz do companheiro varreu, de pronto, da sua memória as negras histórias do deus da água e do vento maldito. E foi a tremer, com o coração aos saltos, que ele fez sinal à mulher para que se aproximasse.

— Ouve, ouve aqui, — e empurrou-lhe a cabeça para a porta. — É o Gunga!

Ela disse-lhe que não com a cabeça; mas não arredou pé, encostando mais a cabeça ao colmo, porque aquela voz parecia de facto a do amigo do seu homem.

— É ele! É ele!

A mulher voltou a acenar-lhe, repetidas vezes, que não era o Gunga, mas fazia-o sem convicção, com medo de se enganar. Ela não queria que ele fosse. E ao lembrar-se, de súbito, da desgraça que a ferira com a morte de seu irmão Xapala, que se perdera numa noite de temporal a correr atrás de um apêlo que julgou ser de um dos seus companheiros, voltou-se de frente para o Jambo e disse-lhe:

— É o vento do Norte que está a imitar a voz do Gunga e...

— Gandálo! gritaram no terreiro.

O canoeiro não quis ouvir mais nada. Escancarou a porta com violência e, de um salto, pôs-se no terreiro.

— É o vento, é o vento! gritava a mulher, transida de medo, ao mesmo

tempo que se escondia no fundo da palhota.

A voz do Gunga deixou de ouvir-se. Desorientado, o Jambo parou, chicoteado fortemente pelas cordas da chuva. O vento sibillava, cantava sua canção sinistra aos ouvidos do canoeiro, entontecendo-o. Ele começou a tremer. O seu primeiro movimento foi voltar para a cubata, mas não conseguiu dar um passo. A voz do vento entontecera-o, atraía-o para o temporal, e ele sentia um louco desejo de correr, correr, correr. Mas a luz de um relâmpago iluminou-lhe o caminho, e ele viu, a dois passos da sua cubata, o Gunga, deitado de bôcco, como caíra.

— Gunga! — chamou num grito.

O companheiro não lhe respondeu. Aproximou-se e tocou-lhe no ombro.

— Vamos, Gunga — E, a custo, ergueu-o.

Ao entrarem na palhota, onde a mulher conseguira avivar a fogueira, o casal viu o cadáver do Gandálo.

— Que foi? Está morto?! — perguntaram, ao mesmo tempo, com uma expressão de horror nos olhos esgazeados.

— Foi ele... foi ele... — tartamudeou o Gunga.

A mulher rompeu num berreiro de enlouquecer, arrelgando-se toda, maldizendo a hora em que o seu homem saiu de casa para lhe trazer um morto.

— Cala-te, mulher! — recomendou-lhe o companheiro em tom duro — logo em seguida, abrandando a voz, arrependido do mau modo como falara: — Tu não vês que é o filho do Gunga...

Encolhida a um canto, a cabeça nas mãos, ela chorava com desespero e tremia de medo, porque é agouro ter mortos dentro de casa em noite de tempestade.

Sempre abraçado ao cadáver, o Gunga olhava para todos os lados com olhar espantado, sem saber onde estava, sem ver nada. Só o choro da mulher lhe prendia a atenção. E, mentalmente, perguntava-se repetidas vezes: — Porque está a chorar?... porque está a chorar?...

No terreiro, o vento zunia, arrastando as ramagens das árvores que tombaram à volta da aldeia. Mas já não era o vento do Norte — era um vento sem graças, que vinha buscar o temporal e levá-lo para outras terras.

Enrodilhado na esteira, o Gunga adormeceu. E, enquanto dormia, o companheiro tirou-lhe dos braços o corpo do pequeno Gandálo e levou-o para outra palhota.

Nesse dia, com o sol no zenite, o Gunga acordou. Olhou em redor. Estava sozinho. Tinha a garganta seca. Doia-lhe a cabeça. Sentia o corpo moído.

— Levaram-no... Acabou-se tudo, tudo... — disse a meia voz.

Pegou na cabaça, cheia de água, levou-a à boca e bebeu, bebeu sofradamente. Depois enrolou a esteira ao cabo da lança do Jambo e deixou a cubata.

— Acabou-se... acabou-se...

E, a passos largos, a cabeça pendida para o peito, meteu-se ao caminho, em brenhou-se no *musito*, atravessou o rio, andou horas sob sol ardente e desapareceu nos longes da planície.

Sente-se CANSADA

para a tarde?



Sonolenta depois das refeições? Cansada para a tarde? Irritável, nervosa? Tem dores de cabeça; às vezes nas costas e nas pernas? Tez descorada; olhos pisados?

Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Evacua com regularidade?! Muitas pessoas, cujas funções intestinais parecem regulares, sofrem de prisão de ventre, sem darem por tal. Não eliminam completamente e, assim, acumulam venenos no sangue.

Para estes casos existe um bom remédio: — todas as manhãs, uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém, precisamente, os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Tomá-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

Doi-lhe o Estômago quando acaba de comer?

Quando as digestões são difíceis, se sofre de azia ou de flatulência, é um verdadeiro tormento comer. São dores, má disposição, o demónio.

Mas é fácil acabar com todos estes males. Basta ter o cuidado de tomar 2 Pastilhas Rennie, depois de cada refeição, para se poder apreciar o prazer das boas comidas.

Na composição das Pastilhas Rennie entram: anti-ácidos que neutralizam a acidez; absorventes que reduzem os gases e fermentos que facilitam o trabalho digestivo.

As Pastilhas Rennie são fáceis e agradáveis de tomar. Não é precisa água. Desembulham-se, metem-se na boca e chupam-se como qualquer caramelo. A própria saliva se encarrega de servir de veículo aos seus componentes, que atingem o estômago com todas as propriedades e força, sem a menor diluição. Duas Pastilhas Rennie acabam com as dores de estômago em cinco minutos. Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6\$00 os pacotes de 25 e Esc. 20\$00 os de 100 pastilhas.

CRÓNICA QUÁSI ALEGRE

JUIZO DO ANO

O ano da graça de 1940 está prestes a terminar. A meia noite, por entre o barulho das sireias dos automóveis nas cidades dos países neutros e das sireias anti-aéreas nas cidades dos países beligerantes, o ano de 1940 acaba irremediavelmente, para em seu lugar surgir o 1941 que, oxalá, seja um bocadinho melhor.

Como tiveram ocasião de verificar, o 1940 nasceu bissexto. No entanto, a gente só percebeu isso no dia 1 de Março, que se chamou este ano, 29 de Fevereiro; sim porque bissexto está mesmo a dizer: ano com dois sextos, ou seja um dia a mais. É fácil de perceber. Este dia revolução por completo o ano. Traz alegrias, traz máguas, traz ao mundo um dia a mais de chuva ou de sol, consoante o estado de tempo nessa altura.

Outros dissabores traz consigo, ainda, este dia. Conheço um rapaz que nasceu no dia 29 de Fevereiro de mil novecentos e tantos. O primeiro prejuízo que teve foi o das festas de aniversário. Enquanto qualquer pessoa faz anos todos os anos e, tem, portanto, todos os anos, naquele dia, muitas prendas e postais ilustrados, de parabéns, o meu infeliz amigo só gosa daquela direito de quatro em quatro anos. Outra fatalidade foi ter cumprido o serviço militar apenas com cinco anos e, apesar da sua pouca idade, mandaram-no para metralhadoras pesadas, que como o nome indica, são umas metralhadoras que pesam como chumbo.

Muitos dissabores acarreta, também, o ano bissexto, como por exemplo, no emprégo, o triste funcionário que julga receber o ordenado no dia 28 de Fevereiro e, afinal, só o recebe no dia seguinte. Já se tentou acabar com estas alterações constantes da folhinha. A Sociedade das Nações, que Deus tenha na sua santa guarda, tentara implantar o ano de treze meses, tendo, cada mês, um número exacto de dias. A vantagem principal desta inovação consistia em nós recebermos, no ano, treze

ordenados em vez de doze, o que era de grande conveniência, principalmente nesta época em que tudo sobe assustadoramente. Tudo é como quem diz. Felizmente nem tudo aumenta, porque os vencimentos mantêm-se. Mas não chegou a Sociedade das Nações a levar por diante o seu intento, em virtude de alguns sócios se terem desligado e outros atrasado nas cotas, o que foi pena porque, de facto, os tais treze meses eram a resolução de muitos problemas. Não tinha, ainda, a S. D. N. encontrado o nome para o novo mês mas havia já duas sugestões: a primeira a de se chamar Outubro, nome já muito em voga; a outra seria a de colocar o novo mês a seguir ao Julho e chamar-se-lhe o Entulho, tanto mais que era um mês para encher.

Foi este ano bissexto de 1940 fértil em acontecimentos. Neste ano o Mundo leu uma valentíssima volta e descarrilou. Apesar de todos os esforços para fazer entrar o Mundo no eixo êle, teimosamente, não quere, no que faz muito bem. Parece que por sobre o Universo se pôs o letreiro «Para demolição» e as obras já começaram pelas escavações.

É velho hábito, nesta altura do ano fazer-se o respectivo juízo. É assim, como quem diz, fazer o balanço de quanto ocorreu nos 365 dias — perdão, 366.

Ora V. Ex.^{as} sabem tão bem como eu o que se passou durante o ano. Na minha modestíssima opinião não vale a pena estar a fazer balanço nem a fechar as contas pois o que vem será igual a este. Assim como assim, vão-se fazendo balancetes e depois, quando então tudo acabar, faz-se o balanço geral. Somam-se os balancetes, ajustam-se as contas e ver-se-á então quantos aeroplanos cairam...

O juízo do ano... Como se este ano, porventura, tivesse havido juízo...

Marçal Saldanha

O MISTÉRIO da mulher que NUNCA ENVELHECE



Nem uma gelha, nem uma ruga aos 45 anos. Uma pele clara, aveludada, impecável, de rapariga. Dir-se-ia um milagre, mas há uma explicação científica. Tais são os efeitos mágicos do «Biocel» a assombrosa descoberta do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena de Áustria.

O Biocel é o precioso elemento natural da mocidade indispensável a toda a pele aveludada e sem rugas. O Creme Tokalon, Cór de Rosa, contém o actualmente. Alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. V. Ex.^a levantar-se-ha cada manhã mais rejuvenescida. As rugas e as gelhas desaparecem. De dia empregue o Creme Tokalon, alimento da pele, de cor branca não gorduroso, a-fim de tornar a sua pele fresca e clara e fazer desaparecer os pontos negros e as imperfeições. Rejuvenesça dez anos e conserve-se jovem! Livre-se dessa cor terrosa, recupere a frescura e firmeza da sua pele. A venda em todas as boas casas do ramo. Não encontrando dirija-se ao Depósito Tokalon, Rua da Assunção, 88 — Lisboa — que atende na volta do correio.

O AVIÃO CONTRA O COURAÇADO

(Continuação da página 10)

çado do tipo "Nelson" pode defender-se do avião atacante com mais de sessenta bocas de fogo anti-aéreo, encontraremos a explicação para o facto de haver muitos aparelhos abatidos e poucos couraçados atingidos. Na fase actual da guerra, ao piloto que tem de atacar à bomba um navio de linha, põem-se duas soluções: ou ataca de muito alto e não atinge o alvo, ou desce temerariamente com probabilidades de acertar, mas também quasi com a certeza de ser esse o seu último vôo.

No ataque a torpedo, a artilharia anti-aérea tem a sua acção mais limitada porque o aparelho, em vôo rasante ao mar, larga o

torpedo a distância, perpendicularmente ao eixo do navio visado, muda então de rumo e afasta-se.

Se o alvo estiver parado, as probabilidades de êxito são quasi absolutas. Foi o que se deu com a frota italiana na base de Tarento.

Eis as conclusões a que os factos nos conduzem por agora.

Winston Churchill escreveu há quatro anos o seguinte:

«Não me parece, ao contrário do que muitas pessoas defendem, que o avião seja ou venha a ser o grande inimigo das esquadras e, em especial, dos navios de linha.»

Até neste ponto, de pura técnica militar, Winston Churchill teve serena e seguramente a visão exacta das coisas.

Maurício de Oliveira



ATENÇÃO

Amadores Fotográficos!

O VOSSO CONCURSO

O "MUNDO GRÁFICO", revista de actualidades nacionais e internacionais, no intuito de concorrer para o desenvolvimento da fotografia artística em Portugal, que tão altas manifestações de beleza está revelando, inicia hoje um valioso concurso entre os não profissionais de todo o país. O formato da nossa revista e a sua magnífica impressão permitem dar a todos os clichés, não, apenas, uma reprodução quasi perfeita, mas ainda publicá-las com amplitude. Aceitamos todas as fotografias que digam respeito à vida, costumes, fainas do mar e do campo, e monumentos, tipos, expressões de arte — quer rurais, quer citadinas.

Devemos, no entanto, dizer que, dentro do carácter do "Mundo Gráfico," serão acolhidas com verdadeiro entusiasmo, tendo, portanto, a primasia, todas as fotografias que foquem aspectos citadinos e nelas, o pormenor humano, o caso curioso, o flagrante da rua. Como os acontecimentos se revestem de vários aspectos, o concorrente pode enviar-nos mais duma fotografia sobre o mesmo assunto, (não mais de três) sempre que se lhe depare interesse, ou a actualidade do acontecimento o justifique.

EIS AS BASES DO CONCURSO FOTOGRÁFICO DO "MUNDO GRÁFICO":

Todos os clichés que revelem qualidades artísticas ou tenham interesse de documentação, serão publicados imediatamente com o nome, ou pseudónimo do seu autor.

O concurso, que começou em 30 de Novembro, encerra-se em 29 Fevereiro de 1941.

No dia 1 de Março do mesmo ano, um júri competente, seleccionará as três melhores fotos, a que serão atribuídos os seguintes prémios:

- 1.º prémio 500\$00
- 2.º prémio 250\$00
- 3.º prémio: uma assinatura anual de "Mundo Gráfico,"

CONCORRA HOJE MESMO!

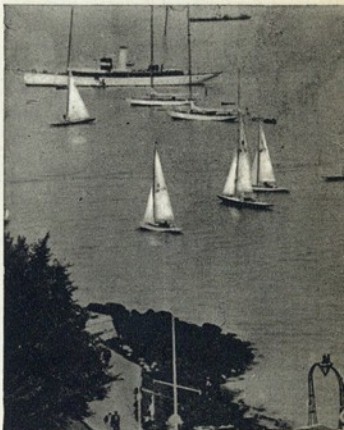
ENVIE-NOS OS SEUS CLICHÉS

INVENÇÃO! AUDÁCIA! ORIGINALIDADE! FLAGRANCIA!

Todos os assuntos

Um assunto

Figuras e Factos



MUNDO GRÁFICO



As águias
da
Royal Air Force
olham
serenamente
o céu